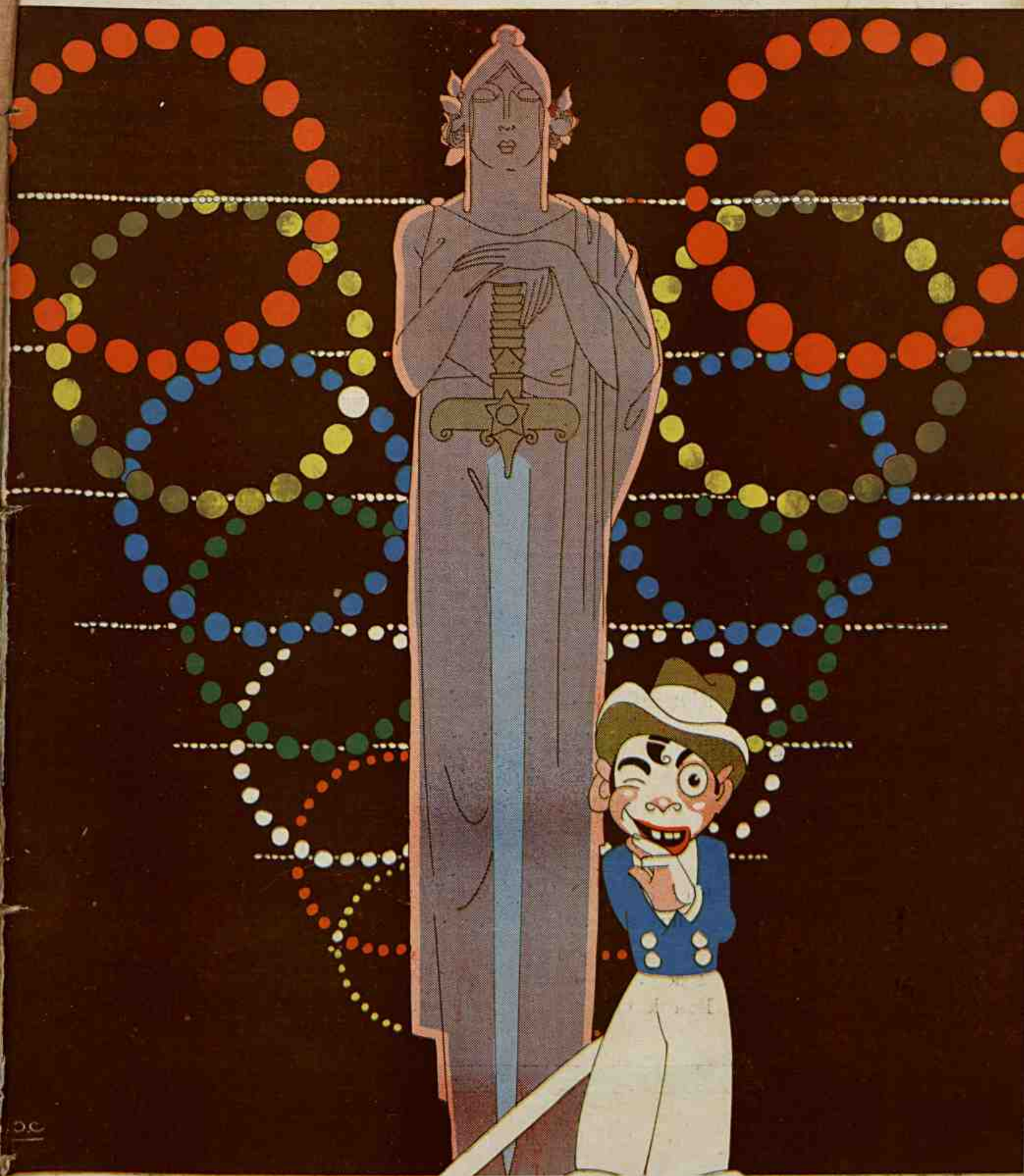
ANNO XXVII
NUM. 1.367

O MALHO

Preço para todo o Brasil 1$000

Rio de Janeiro, 24 de Novembro de 1928

A NOITE DA REPUBLICA

O CARIOCA — Parece que faltou um H ao lado de cada O.

Nas proximidades do Natal:

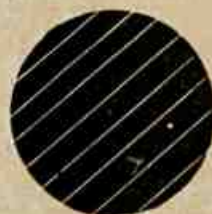
ALMANACH DO "O MALHO" PARA 1929

No Rio: 4$500 — Pelo Correio ou nos Estados: 4$500.

ALMANACH DO "O TICO-TICO" PARA 1929

No Rio: 5$000 — Pelo Correio ou nos Estados: 5$500.

No Rio: 8$000 — Pelo Correio ou nos Estados: 9$000.

Faça-nos desde já o seu pedido
Sociedade Anonyma "O MALHO"
Rua do Ouvidor, 164 — RIO.

O Malho

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor-Chefe: **OSWALDO DE SOUZA E SILVA**

Director-Gerente **ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA**

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000; — Estrangeiro: 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão aceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiho, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Norte, 5.402. Escriptorio: Norte, 5.818. Annuncios: Norte, 6.131. Officinas: Villa, 6.247.

Succursal em São Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27, 8° andar, salas 86 e 87

O CONTO POLICIAL

O SIGNAL DA JANELLA

Por **FREDERICK C. DAVIS**

Nichols estava junto á parede do Grande Hotel, na qual se achava installada uma escada de ferro para os casos de incendio, escada essa que vinha desde o andar de cima, até perto do chão.

Da janella que ficava proximo á platafórma da escada de salvação do quarto andar, divisava-se uma luz, na escuridão; Nichols fitava-a com attenção.

Sem perda de tempo, Nichols pulou para a escada e subiu rapidamente até o quarto andar e, chegando á plataforma, baixou-se afim de não ser visto por quem estivesse dentro do quarto. Quando chegou ao quarto andar, o seu coração palpitava fortemente.

Apalpou o cinto e verificou que a sua arma estava segura. A janella do seu plano achava-se aberta; immediatamente, levantou a cabeça e, olhando para dentro, procurou vêr tudo o que alli havia, com um só olhar inquisidor.

Dois homens passeavam, de um lado para outro. O coração de Nichols começou a bater e disse comsigo mesmo: — Um delles é Gilmose, — Gilmose, o de coração de pedra!

Emquanto Nichols olhava, tinha o revolver engatilhado na mão. O cano era longo, e na parte de traz, tinha um abafador do estampido.

Gilmose estava se levantando da cama e esfregava o rosto com as mãos Nichols ouviu que o outro lhe dizia:

— Gilmose, vou até lá em baixo comprar um charuto. Não demorarei muito. Espero que estejas melhor, quando eu voltar.

Gilmose moveu a cabeça, num gesto de acquiescencia, emquanto o seu companheiro saia; depois dirigiu-se para o quarto de banho que ficava situado no fim do corredor, á direita. Nesse momento, Nichols, que o estava espiando da plataforma da escada de incendio, pensou que era essa a sua melhor occasião de agir.

Como um relampago, saltou para a janella, abriu-a e silenciosamente entrou no quarto. Nichols ouviu ruido de agua e comprehendeu que Gilmose estava na banheira; então, fechou a janella atraz de si, e se escondeu no guarda-roupa, fechando-se por dentro. Apenas acabára de fazer isso, quando Gilmose regressou.

Nichols respirou devagar, o seu coração batia e elle tinha fortemente apertado na mão o revolver silencioso; escutava com toda a attenção, emquanto pensava: "Agora é o momento preciso de operar!"

Com a maior rapidez, deu um ponta-pé na porta do guarda-roupa e o abriu. Gilmose virou-se, para vêr o que succedia, ao mesmo tempo que deitava mão ao seu revolver.

— Não se mova! — gritou-lhe Nichols.

Gilmose parou logo. — Nichols saiu do guarda-roupa, apontando com o revolver em direcção á cabeça de Gilmose, fechando os olhos e mostrando os dentes, em signal de vigança.

Gilmose o reconheceu e disse-lhe, num tom de gracejo:

— Ah, você é Rat Nichols, não é?

— Elle mesmo! — respondeu Nichols.

— Você é um falsificador, não? Lembro-me agora que eu o prendi uma vez, por falsificar varios cheques.

Nichols olhava-o com odio e os seus olhos se injectavam de sangue.

— Não se incommode — disse-lhe Gilmose. — O meu revolver está no bolso, e como você sabe, não é commodo trazel-o sobre si mesmo, quando se está deitado.

A vingança que Nichols preparára estava agora inteiramente em suas mãos. O seu rosto se avermelhou de raiva, as suas mãos tremiam e o seu pescoço inchava. Só pensava em se vingar de Gilmose.

— Selvagem! — dizia-lhe, tremendo de odio. — Cão! Tenho-o agora em meu poder!

— Muito bem; é a sua unica... A resposta de Gilmose foi cortada por um balazio. Procurou evital-o, levantando o braço, mas tombou rigido, na mesma posição; os seus olhos, que fitavam, Nichols, reviraram-se, olhando o tecto e a sua fronte que era branca e lustrosa, depois de receber a bala certeira, tinha um buraco ensanguentado. Seus joelhos se dobraram e caiu no chão.

O tiro de Nichols fôra tão certeiro que Gilmose expirou no acto.

Nichols ficou em pé, contemplando o seu triumpho. Procurou vêr si o coração do seu inimigo batia ainda, mas verificou que elle já tinha fallecido.

Logo recuperou a sua presença de espirito. Ganhára a partida e, ao mesmo tempo se vingára. Porém devia ter cuidado e fugir, porque em qualquer momento regressaria o companheiro de Gilmose.

Encaminhou-se até a janella, de onde poude vêr as luzes da rua, nitidamente, mas, para melhor vêr, encostou bem o rosto ao vidro, e poude ver o companheiro de Gilmose, que regressava.

Immediatamente resumiu o seu plano de fuga, saltou pela janella para a escada, e, correndo, chegou ao andar terreo. Quando chegou no fim da escada, transpirava muito e, tirando o lenço, esfregou diversas vezes o nariz que o incommodava muito. Em pequeno, Nichols caira e se cortára num pedaço do nariz, onde ficára uma cicatriz a qual, quando havia humidade e, quando suava, lhe dava um prurido enorme; a marca que ficára não era muito visivel e só se podia perceber, muito de perto.

Dirigiu-se immediatamente para a porta da entrada principal do mesmo hotel, onde tinha um quarto alugado. O companheiro de Gilmose entrou uns momentos antes. Sem nenhum nervosismo, Nichols passeava pelo "hall" do hotel até que viu o companheiro de Gilmose tomar o elevador.

Depois, para despistar melhor, ficou-se a conversar com o porteiro do hotel.

— O seu salão de bilhar não me parece muito confortavel — disse-lhe Nichols.

— Por que, senhor?

— Estive jogando duas horas e achei os tacos muito humidos; naturalmente, penso que é obra do tempo. Parece que vai chover.

Perto do porteiro, achava-se o indicador dos quartos do hotel. Nichols reparava nelle com muita attenção e, de preferencia dirigia o olhar para o nº 45, porque não tardaria muito para que a luz do indicador co-

mecasse a faiscar; apenas terminára de pensar nisso, quando a luz se accendeu.

A telephonista, que estava perto do indicador, attendeu ao telephone e, ouvindo o que lhe diziam, fez-se pallida, permanecendo immovel e cadaverica. Com os olhos espavoridos; dirigiu-se ao empregado:

— Tome nota o sr. do que dizem — disse-lhe, ao mesmo tempo que lhe entregava o phone.

O empregado, ao ouvir a communicação tambem empallideceu. Nichols fitou-o, nervoso, pois bem sabia o que se passára, isto é, que havia um morto na peça numero 45.

Dirigindo-se ao "hall" do hotel, Nichols sentou-se em uma commoda poltrona e ficou observando calmamente os acontecimentos. O empregado agitado, chamou o gerente do hotel; os dois subiram logo ao quarto n.º 45. Depois de um intervallo, houve outra chamada telephonica que, segundo comprehendeu Nichols, partia do mesmo quarto, de onde falavam para a policia.

No "hall" do hotel havia o maior silencio. Nichols passou mais de meia hora sem fazer nada, pensando sómente no que acontecêra. O seu plano de vingança estava completo. Sairia victorioso e ninguem desconfiaria delle!

Nichols não odiava a ninguem, senão áquelle que recentemente assassinara.

Durante muitos annos antes, Nichols fôra um empregado de confiança de uma importante casa commercial. Muitos cheques tinham passado por suas mãos, assignados pelo chefe da casa onde trabalhára, e cuja firma era muito facil de imitar. Aproveitando isso, Nichols falsificou a firma de varios cheques, por uma bôa somma de dinheiro, fazendo-os effectivos a seu favor. Nichols occupava um cargo muito importante na referida firma commercial e era elle quem recebia a liquidação de cada cheque que chegava do Banco e, valendo-se disso, destruia os seus cheques falsificados, para não deixar rastros. Mas um dia, accidentalmente deixou alguns pedacinhos dos referidos cheques no fundo da cesta de papeis. O gerente da firma commercial começou a desconfiar de Nichols e chamou um detective chamado Gilmose que, após ser feita diversas pesquizas encontrou como prova do delicto, alguns pedaços de cheques na cesta, junto á secretaria de Nichols e...

Como se comprehenderá, o detective não quiz ouvir ás desculpas de Nichols. Não lhe importava que o empregado tivesse pouco ordenado e por conseguinte sustentava que Nichols devia viver apenas com o que recebia. Tambem pensou que este falsificava pelo gosto de fazer mais dinheiro. Por isso é que Nichols odiava tanto a Gilmose. O pedido que lhe fizera, não foi attentido, pois Gilmose estava muito habituado a ouvir estas sortes de excusas.

Nichols teve portanto que passar varios annos no carcere. Annos de tristezas, dias de escuridão, privações transtornos, soffrimentos! E pensava: como é possivel que um homem viva nessas cellulas de pedra, como uma ratazana? Não póde sêr!

A lembrança de tudo o que lá soffrera, o atormentava.

Emquanto Nichols, recordava todo o seu passado, desesperado, punha-se a esfregar o nariz até o deixar lustroso e vermelho.

Elle planejára esse crime com a convicção de que ninguem suspeitaria delle e usára luvas de borracha para não deixar nenhuma impressão digital. O porteiro do hotel, podia testemunhar que Nichols estivera no salão de bilhar, elle mesmo dissêra. E tambem como era possivel um homem reservar uma peça no mesmo hotel e em frente ao quarto do homem que queria assassinar? Por isso é que Nichols escolhêra essa peça no quarto, andar, situada em frente á que occupava Gilmose. Naturalmente, por essas razões, não seria possivel que desconfiassem delle.

No hotel, ninguem conhecia o seu passado e muito menos o seu odio por Gilmose. Sómente este o sabia, mas já estava morto!

Nichols passou meia-hora de anciedade, sentado na poltrona e depois tomou o elevador, para ir ao seu quarto. Passou devagar, emfrente ao quarto n.º 45 e ouviu estarem falando lá dentro. Entrou em seu quarto, apanhou a maleta de mão que estava em baixo da cama e retirou-se.

Estava vingado! E agora, iria para a cidade.

Dirigiu-se rapidamente para o "hall" do hotel e parou junto á portaria dizendo então ao empregado que o seu trem sahia dentro de vinte minutos e que portanto, deveria tomar o trem das 12,30. O tempo ameaçava chuva e, por este motivo, o nariz o incommodava muito. Em tom de gracejo contou ao empregado como lhe acontecera esse accidente, em creança e como, por isso, ficára com uma cicatriz no nariz.

O porteiro, que ainda estava nervoso devido ao que succedêra no quarto nº 45, não mencionou o crime a Nichols.

Tudo saia como elle o desejava. Estava salvo e, sorrindo de alegria saiu do hotel.

Chamou um taxi, dizendo ao chauffeur que o levasse á estação da estrada de ferro. Sentado dentro do taxi, sentia-se feliz e satisfeito. Gilmose estava liquidado! Gilmose, o cão sem coração! Nichols se vingara dos annos que passára na prisão, os melhores annos de sua vida!

Nichols estava contente agora! Sem reflectir olhou para traz, pelo vidro do automovel, em direcção ao hotel e viu que um homem saia apressadamente da porta principal e subia num taxi que junto della estacionava. Um suor frio correu-lhe pelo corpo, quando viu que o automovel tomava a mesma direcção do seu. Censurando-se a si mesmo pelo medo que lhe cruzára a imaginação, e olhando novamente para a frente, esqueceu-se do taxi que o seguia e continuou a pensar com alegria no que fizera. Minutos depois, sem querer, lembrou-se e olhou outra vez para traz. Viu que o taxi continuava a seguil-o, e pensou: Talvez seja alguem que deseje tomar o mesmo trem que eu. Quando chegou á estação, comprou varias revistas e, subindo para o trem, dirigiu-se ao vagon, de fumar. Sentou-se commodamente, levantou a vidraça para entrar ar fresco, esfregou o nariz com força: cada vez lhe comichava mais. Nichols abriu uma revista e começou a ler um conto intitulado: "As Aventuras da Primavera".

O trem poz-se em marcha. Um passageiro sentou-se em frente delle e Nichols, ao olhal-o, pensou que já o conhecia, sem se lembrar de onde. O ar fresco soprava no rosto suarento de Nichols, que deixou de esfregar o nariz. O trem corria vertiginosamente e elle não notava as milhas que percorria nem a distancia que já existia desde o local do seu crime; estava certo de encontrar-se inteiramente a salvo.

Ao terminar de ler a historia, começou a olhar para fóra. Fitou o ho-

mem que se sentara na sua frente o empallideceu.

Tinha verificado que o tal homem era o mesmo que estava com Gilmose, no quarto n.º 45 do Grande Hotel; e exclamou para si mesmo: — E' o companheiro do detective Gilmose!

O passageiro olhava tambem pela janella a seu lado, mas atravez do vidro. Nichols começou a sentir medo e pensava: por que estará este homem no trem?

Por que teria deixado tão depressa o hotel? Estal-ia seguindo como suspeito do crime? — Não! Não! — reflectiu Nichols, — é impossivel que alguem desconfie de mim!

O companheiro de Gilmose, — pois, de facto era elle, quem se achava sentado nesse momento emfrente a Nichols — estava muito entretido, lendo um jornal.

Este, muito nervoso, tentava tambem ler; mas os seus olhos não se fixavam sobre as letras, pensando, como estava, no perigo que o ameaçava. Sentia-se aterrado.

Nesse momento, uma forte chuva imprevista entrou pela janella, molhando-os os dois.

Nichols levantou-se logo e fechou a vidraça. O passageiro que estava na sua frente, seccava as calças, molhadas pela chuva que entrara inesperadamente.

— Que surpreza! — exclamou, rindo.

— E' verdade! — articulou Nichols com difficuldade.

O outro homem levantou o jornal, para ler de novo, mas baixou-o novamente, dizendo:

— Os jornaes, ás vezes, me exasperam, estão cheios das tristezas da vida, noticias de greves, brigas, etc... e até põem a gente de máo humor — continuou dizendo a Nichols — Cheios de intrigas politicas, escandalos sociaes crimes, um horror! Não acha?

— Por que diz isso? — perguntou-lhe Nichols, nervoso, e com visivel interesse: — O sr. teve... teve... algum desgosto?

— Sim: o meu melhor amigo foi assassinado esta noite? — respondeu-lhe o outro.

— Assassinado! — disse Nichols, fingindo surpreza.

— —Sim. Foi morto de um tiro por algum homem perigoso que entrou no nosso quarto do hotel e o assassinou covardemente!

Fingindo lamentar o facto, Nichols perguntou-lhe:

— Encontraram o assassino?

— Não, não o encontraram ainda, mas eu hei de captural-o. Hei de prendel-o, embora isso me custe a vida!

Nichols tossiu, embaraçado. Por um momento, teve vontade de abrir a janellinha e atirar-se por ella.

O guarda penetrava nesse instante no vagon e em voz alta annunciava o nome da proxima estação.

— Estou muito desgostoso — proseguiu dizendo o outro passageiro. — Como é possivel que um homem tire assim a vida a outro? A vida de um seu semelhante...

— Eu... eu... não comprehendo!

O trem começou a andar de vagar e parou um momento. O outro passageiro; meditando, olhava pela janella, e o trem continuou a marcha outra vez.

Dirigindo-se a Nichols, perguntou-lhe:

— Que é? Outra estação

Vendo com alegria que se aproximava o final da sua viagem, Nichols deu de hombros, mas não poude falar. O amigo de Gilmose procurou olhar pela janella, porém, devido á escuridão, nada poude divisar e, dirigindo-se novamente a Nichols perguntou-lhe:

— Póde fazer o favor de vêr si estamos chegando a outra estação. Eu não desejaria perder-me numa noite como esta!

Nichols encostou-se bem á vidraça para poder olhar para fóra, apertando o rosto e como estivésse suando muito e o vidro estivésse tambem um pouco opaco, a sua imagem ficou impressa no vidro.

— Não posso vêr nada, a noite está muito escura. Não ha estação nenhuma aqui. O trem continua a marcha outra vez — respondeu-lhe, então.

— De facto — disse o outro passageiro, sentando-se novamente.

Um vendedor de balas appareceu nesse momento no wagon, trazendo uma bandeija com chocolates e caramelos, e annunciando em voz alta o que tinha para vender.

Quando passou perto delles, o companheiro de Gilmose o fez para.

— Tens "marshmallows"?

— Sim, senhor.

O baleiro deu-lhe um pacote de "marshmallows" que elle abriu logo, offerecendo um a Nichols, que, nervoso, não quiz acceitar. Nichols sentiu séde e, levantando-se, fez menção de sair. Mas o companheiro de Gilmose, vendo que este se puzera de pé, fez-lhe signal para que se sentasse outra vez, ordenando-lhe seccamente:

— Espere um momento!

Nichols sentou-se com um ar de contrariedade. O passageiro disse-lhe suavemente: — "Quero saber algo a seu respeito."

Nichols observou então que o seu companheiro de viagem estava tirando todos os "marshmallws" da caixa e, sacudindo-os, fazia cair todo o assucar crystallizado que traziam adherido.

Nichols tentou levantar-se outra vez, dizendo ao companheiro de Gilmose:

— Estou com sêde. Por que me incommoda?

— Espere! — insistiu o outro.

E fez então do lenço uma bola de panno e o empapou com o assucar; depois, dirigindo-se para a janellinha, pulverizou o vidro com o assucar.

Nichols olhou para aquelle mysterioso movimento, com espanto. Depois da operação, via-se claramente um signal impresso no vidro. Era o signal da cicatriz que Nichols tinha no nariz e que ficára marcado na vidraça quando Nichols apoiara fortemente o rosto no vidro humido, afim de poder olhar para fóra. O amigo de Gilmose olhou então para Nichols.

— Que significa essa tolice que o sr. está fazendo — perguntou-lhe este.

— E' simplesmente isto — respondeu-lhe o outro: — Esta marca que está na vidraça é o signal do seu nariz, e nella se vê perfeitamente a sua cicatriz. Vê como se distingue. Esta noite foi assassinado o meu melhor amigo. Na janella do quarto, quando eu procurava alguma impressão digital, vi um signal na vidraça e pude vêl-a melhor, pulverizando-a com talco. Essa marca só poderia ter sido feita pelo nariz de um homem e esse homem deveria ser o assassino do meu companheiro. Ora, esse homem tinha uma cicatriz no nariz, igual á sua, pois a marca deste vidro é identica á da peça n.º 45, do Grand-Hotel. Nichols tentou levantar-se, o seu rosto avermelhou-se e os seus olhos se irritaram, quando disse:

— O senhor mente!

— Eu não minto! Apenas encontrei esse signal na vidraça da janella do quarto—, dirigi-me á portaria do hotel, e o porteiro me disse que um homem com uma cicatriz no nariz saira dali para tomar o trem das 12,30. Graças a Deus, pude alcançar este trem! Agora, muito cuidado, pois o homem que está a seu lado é um detective. Agora está preso!

Nichols olhou para traz e viu que outro detective empunhava um revolver na mão.

— Agora está em nosso poder — disse-lhe o amigo de Gilmose. — E já o identificamos com a prova positiva da impressão da sua cicatriz no nariz!

Nichols sentiu um suor frio correr-lhe pelo corpo e exclamou com desolada resignação:

— Sim. Vocês me apanharam! Sim, sim: fui eu o assassino!

FIM

Traduzido por **Anelch.**

Auxiliar a "Sociedade de Assistencia aos Lazaros e Defesa contra a Lepra" é um dever de patriotismo

nem sempre é apenas um feliz dom da natureza; na maioria dos casos é o resultado de cuidados constantes. Assim pois, em lugar de invejar o formoso cabello das suas amigas, tome V. S. as medidas necessarias para que o seu cabello lhes seja igual. O segredo do cabello formoso acha-se na força e vitalidade das raizes. Alimente e nutra as raizes do cabello com Lavona, Tonico dos Cabellos, e o cuidado ordinario que geralmente se dá ao cabello fará o resto. Lavona, Tonico dos Cabellos, limpa o couro cabelludo da caspa e embelleza o cabello mais do que outra coisa o fará, pois que contem um certo ingrediente que não se encontra em qualquer outro preparado para o cabello, sendo isto o segredo do seu grande successo. Comece hoje mesmo o emprego da Lavona, Tonico dos Cabellos, e conseguirá possuir um cabello formosissimo, que fará a inveja de todas as suas amigas.

LAVONA

TONICO DOS CABELLOS

DIGESTONICO

do Dr. VICENTE

Appr. D.N.S.P. sob o Nº 169 em 24-3-1927

é o preparado mais scientifico e eficaz

contra

As Dôres do Estomago

Laboratoire des "PRODUITS SCIENTIA" - PARIS

A venda em todas as Pharmacias

MORTE ÁS FORMIGAS

Se o Brasil não destruir as formigas será por ellas destruido

O formicida em pó «MORTE A'S FORMIGAS»

E' de effeito rapido, energico e seguro Muito economico. Facil de ser applicado, sem machinismos e sem fogo.

V. S. EXPERIMENTE AO MENOS UMA VEZ

A' venda em toda parte — Exigir sempre a marca

Morte ás formigas

1 lata pelo correio 6$000

Dr. OLESEN Cia. Rua São Pedro 115

Em Dezembro, CINEARTE-ALBUM,

COMO "ELLES" E "ELLAS" PENSAM

SAUDADE

Saudade, dôr cruciante,
— Lamentos de um coração;
Castellos, sonhos desfeitos,
Dorida recordação...

Saudade, mil pensamentos,
A historia de uma affeição;
Doces preces que se evolam
Ardentes, cheias de uncção.

Saudade, longos suspiros,
Um mundo de inspiração...
"Saudade" — toscas palavras,
Tristonha divagação.

LAUDEMIRO ROSA
(Morretes)

SOFFRIMENTO

Eu recitar?... — Desculpem; — mas [não ouso;
Foge-me a musa... inspiração me falta...
Debalde e em vão procuro ver se [assalta
A' minha mente um verso sonoroso.

Não posso... qual!... Seria fasti-[dioso
Dizer-vos nesse instante em voz bem [alta,
Porque me foge a musa e não resalta
Na minha fronte um poema delicioso.

Mas vos direi, já que insistis assim:
E' fructo de um amor que teve fim
Na lage branca de uma tumba fria;

Amava uma donzella loucamente,
Mas a morte levou-a lentamente..
E desde então minh'alma é assim [vazia.

EGBERTO AGUIAR
(Bahia)

O NOME

Em noite de lua cheia
Teu lindo nome na areia
Escrevi, á beira-mar.
Veio uma onda, quebrou,
Teu lindo nome apagou
Então me puz a scismar:

Si o meu nome, flor celeste,
Tambem como eu escreveste
No fundo do coração...
E se um dia vem — que dôr! —
Apagar o enorme amor
Uma onda de outra paixão?

HUGO MOTTA

PALHAÇO

Foi para mim, cruel, dura surpresa,
Quando, linda, as palavras não me-[dindo,
Ella disse, com tanta singeleza
Estar meu sonho — o nosso amor já [findo.

Mas, não teve, entretanto, uma certeza
Do que ia por minh'alma, e mesmo [rindo
Tudo escutei, sem traço de tristeza
Pela perda do amor—julgado infindo.

Nesse momento eu ria e gargalhava,
Mas, — contraste! — através do peito [meu,
Sangrando, triste, o coração chorava!

Sou igual ao palhaço desgraçado
— Si chora o peito o amor que fe-[neceu,
O rosto canta todo esfarinhado!

ANTONIO CARLOS
(Santa Cruz)

OS TEUS PÉS

Esses teus pés, chinezes, pequeninos,
Brancos, sublimes, divinaes, formosos,
São dois pombinhos lépidos, felinos,
Faceiros, saltitantes, amorosos.

Vel-os dansando tangos argentinos,
Obedecendo aos passos vagarosos,
E' ver doi lyrios ideaes, divinos,
Bailando em dois hastis assás mimosos.

Ah! Se eu pudesse, em todas es es-[tradas
Poria rosas brancas e encarnadas
E, pelas ruas, cravos multicores...

Pois quem possue uns pés que tu [possues,
Branquinhos e de veias tão azues,
Deve pisar sómente sobre flores!...

DEMETRIO CARNEIRO LEÃO
(Petropolis)

SÓ

Olha, vem ver como o meu quarto é [triste,
Como vivo tão só, tão isolado!
Pelas paredes nuas nada existe
Que me faça lembrar esse passado.

Sómente trago o coração magoado
Depois que deste amor cedo fugiste,
Quanto pranto que eu tenho soluçado...
Vivo immerso na dôr, dês que partiste.

Vem, que estou só; longe de teu ca-[rinho
Soffro, querida, como a ave que o [ninho
Perdeu. Padece o pobre coração.

E volta de novo... Enche de garridice
Meu quarto. Aclara tudo, vem, Cla-[risse,
Povoar de amor a minha solidão...

HUGO MOTTA

VINTE E DOIS ANNOS

Vinte e dois annos são já decorridos
Que pela vez primeira a luz do dia
Eu vi, soltando tetricos gemidos,
Segundo sempre minha mãe dizia.

Meus soffrimentos podem bem ser [lidos
Sa minha sepulchral physionomia.
Vinte e dois annos de soffrer, per-[didos!
Vinte e dois annos de melancolia...

Venho soffrendo desde os tenros annos,
Desgostos, privações e desenganos
Da minha triste e malfadada sorte.

Mas como tudo tende a se acabar,
Talvez que um dia eu possa descansar:
Aalvez não soffra mais depois da [morte!

DEMETRIO CARNEIRO LEÃO
(Petropolis)

DOUTOR — Aqui é preciso empregar todos os recursos da sciencia para restituir a este cliente a memoria, para que não esqueça de pagar-me a conta.

VERSOS DE COLLABORAÇÃO

SONHOS

Tive-os outr'ora cheios de ventura,
Na mocidade que partiu saudosa,
Quando esta vida, se nos afigura
Ser uma estrada menos pedregosa.

Mas a velhice veiu prematura,
E todos esses sonhos côr de rosa
Dissiparam-se... nevoa vaporosa
Deixando ver a realidade dura.

Hoje, porém, que não posso tel-os
E que me assaltam negros pesadelos
Nestes dias interminos, tristonhos,

Sinto, ao sangrar-me o espinho da saudade,
Que recordando minha mocidade,
Volto a sonhar aquelles mesmos sonhos!...

NESSON DE ARAUJO LIMA

(Do livro *Psalmos*)

◈ ◈ ◈

PREDESTINADA

Ella tinha no olhar essa doçura extrema
De um lago reflectindo o azul do céo tranquillo,
E trazia na fronte o mystico diadema
Da régia perfeição das virgens de Murillo.

Ouvir a sua voz de languidez suprema,
Cujo mel não descreve o verso que burillo,
Era o mesmo que ouvir a musica de um poema
Moldado em phrases de oiro e delicado estylo.

Certo dia, porém, ao vel-a assim tão bella,
O proprio Jesus Christo apaixonou-se della,
E fel-a sua noiva... E para o céo levou-a!

E, hoje, quando contemplo, acaso, alguma estrella.
Estremeço de dôr pelo prazer de vel-a
A sorrir-me do Azul, sempre formosa e bôa!...

LINS CAVALCANTI

(Aracajú)

◈ ◈ ◈

TENTEI CANTAR...

(*Ao meu prezado amigo Prof. Arnaldo Segala*)

Tentei cantar, da primavera as cores,
Os bosques e os vergeis emmaranhados,
Onde á tarde, furtivos namorados
Trocam beijos de amor, falando amores;

Tentei cantar, divinisando as flores
De aromas deliciosos, delicados;
Tentei cantar do ceu os esplendores,
Nos astros luminosos, concentrados,

Tentei cantar... porém, durou tão pouco
Essa vontade, esse desejo louco
De não fazer os olhos meus chorar...

Pois sendo o mundo um cataclysma immenso,
Agora vejo, agora me convenço
Que fui um doido quando quiz cantar.

DUILIO GAMBINI

(Avaré) *Ulidio*

JAGUAR

Silenciosa, caminhando com patas de seda,
estirando suavemente pata por pata,
a linda féra brasileira arma um bóte
para pegar um caçador poeta
que olhava, alheiado, uma flor da matta.

Naquella posição tensa o bicho é só pupillas
verdes, hypnoticas; o pello estica
e mostra as manchas tigrinas bem largas.
Quando elle pára para esperar si o homem se bóle
não parece de carne e osso, molle:
parece uma esculptura, obra-prima.

A luz do sol cahia fiada pela matta fina, de cima,
e illuminava a scena duma luz magica.
E a scena deixava de ser tragica
para ser um poema vivo. Tudo parou:
os bezoiros de zunzunir,
os passarinhos de fazer festa nacional com o bico,
a bicharada pequena de mexer no chão;
até o vento se calou.

A féra linda ia indo, ia devagarinho,
dentuça á mostra já, num arreganho tremulo,
emocionada da sua propria gloria felina...

O homem viu. Levou a arma á cara:
o tiro espantou um bando de passarinhos pretos.
Elle rolou rugindo, arranhando, agoniado;
o sangue veiu bem vermelho sujando as plantas baixas.
Num estremeção, mostrando as manchas mais largas,

o jaguar morreu.
Como um romano do Imperio, suicidado,
dir-se-ia vivo
de tão bello assim morto.

E a bicharada de penna e pello
que quando o jaguar passava tinha medo
ficou toda olhando com pena o jaguar estirado.
A matta chorava.

JOSE' MARIA FONTES

(Sergipe)

◈ ◈ ◈

PORTICO

Ao distincto amigo e confrade Dr. Julio Guilhon de Oliveira

Na lufa-lufa em que me vejo exhausto,
sangrando as mãos e o coração sangrando,
sacrifiquei minh'alma, em holocausto
dos que viveram tristes, soluçando.

Se fui altivo, néscio ou miserando,
e se pequei por ambição ou fausto,
hoje a humildade está me acorrentando
á lufa-lufa em que me vejo exhausto...

Meu ser aventurei por outras zonas,
qual destemido herõe da média idade,
pensando em louros e pensando em donas...

E o que me resta, nesta soledade,
não sei bem se é saudade do Amazonas,
ou se é um Amazonas de Saudade!

(Do livro em preparo — *Amazonas de Saudade*)

DE CASTRO E SOUZA

SALVOU O COMPANHEIRO, MAS FRACTUROU UMA PERNA!

O auto-bomba corria na vertigem das grandes velocidades, rumo do quartel. Os bombeiros daquelle soccorro haviam-se portado como héroes. Salvaram um predio das chammas intensas e evitaram prejuizos de cerca dois mil contos.

E, agora, mais uma vez glorificados voltavam ao quartel. O Destino porém havia preparado para os héroes um golpe cruel.

Ao fazer uma curva, o ligeiro carro-vermelho derrapou, precipitando-se sobre uma arvore.

O 707, vendo que o companheiro que viajava no estribo teria morte horrivel, imprensado brutalmente, de um salto arrebatou-o, cahindo precisamente no logar donde o arrancara! E isso na hora mesma em que se dava a tremenda collisão. As consequencias desse gesto heroico foram, como bem se póde calcular, horriveis.

O 707 soffeu fractura da perna direita! Mas, soffreu-a com abnegação e firmeza de animo admiraveis, consolando ainda com estas palavras o companheiro que salvara e ora o procurara animar:

— Então, a minha perna não vale menos que a tua vida?

Orthof
Moinho Inglez
GRUPO E
MASSAS FANTAZIA
"BORBOLETA Nº 7"
Borboleta
Fabricadas com a melhor farinha e pelos mais hygie nicos processos, as nossas massas são puras, saboro sas e nutritivas —
Peça ao seu armazem:
MASSAS ALIMENTICIAS
AYMORÉ
SECC. PROP. MOINHO INGLÉZ J. P.

PELOS CAMPOS

Temos aqui nos batido sempre pela renovação dos processos de approveitamento da capacidade productiva do solo, para o que é imprescindivel o uso dos modernos instrumentos agricolas A terra é uma machina productiva. E' preciso fazel-a produzir o mais possivel, bem arroteando-a, adubando-a, deitando-lhe ao seio fecundo sementes sãs e seleccionadas. Cumpre-nos praticarmos a agricultura racional, que só aquella que faz uso das diversas machinas agricolas.

Sem abandonarmos a enxada, devemos empunhar o arado na cultura larga, feita em terrenos amplos

Razões economicas respeitaveis impõe ao agricultor brasileiro o abandono da rotina. E estas razões não são transcendentaes, não exigem, para descobril-as, excesso de perspicacia.

Muito facilmente os agricultores poderão comprehendel-as. Para trabalhar uma area determinada, na fazenda, com o fim de plantar milho ou qualquer outro vegetal, é necessario grande numero de braços, de homens validos, que, tenham, todos, a mesma uniforme força de trabalho

Grain

A planta do milho, que constitue uma das forças economicas do Brasil.

Estes homens precisam ganhar salarios muito maiores porque o fazendeiro, afim de não perdel-os, os augmenta, elle mesmo.

Não raro, todavia, os jornaes tornam-se éco dos clamores dos fazendeiros deste ou daquelle Estado contra a falta de braços, uma vez que as industrias urbanas, fortemente protegidas pelas tarifas aduaneiras e amparadas por motivos politicos, attráem, como formidaveis imans os trabalhadodes dos campos, em prejuizo da agricultura, pois os salarios são nas cidades, muito elevados.

Ora, esta crise que se gera, do despovoamento dos campos com a absorpção dos trabalhadores pelas industrias das cidades deve ser, entre nós combatida por todos os meios, — e um delles é, justamente, o emprego dos instrumentos mechanicos de aração dos sólos, semeadura ou plantação e colheitas dos productos . Si não fosse assim, com o emprego de machinas que fazem o trabalho de centenas de homens, seriam impossiveis as grandes culturas do trigo, de alfafa, de algodão e de milho dos Estados Unidos, porque a enxada não daria margem a ellas.

O arado deve substituir a enxada na grande lavoura.

A CULTURA DO MILHO

A plantação do milho é no Brasil, a primeira que se faz nas terras desbravadas, geralmente consorciada com a do feijão. A producção brasileira de milho é muito avultada e as estatistica não a accusam, porque o consumo é grande, especialmente no Norte, onde o milho é consumido sob multiplas formas, quando verde cangica, pamonha, angú, assado, bolos de S João etc.). E' tradicional no Nordeste o uso de semear o milho em São José (Março) para tel-o verde em São João (Julho tendo-se, assim, um cyclo vegetativo de sessenta e poucos dias. A cultura da preciosa graminea é, todavia, feita por processos retrogrados, o que contribue para diminuir, sensivelmente, a producção.

Os terrenos nos quaes se vae plantar milho não recebem nenhum beneficio. Si são de capoeira, começa-se por limpal-o, queimando tudo. A plantação é feita digamos anarchicamente: os trabalhadores, de enxada á mão, vão fazendo covas no solo e jogando dentro, tres, quatro, cinco sementes, — as que cahirem, por accaso. Depois, com o pé, chegam terra e vão proseguindo

Ha todos os inconvenientes neste processo agricola, que só a tradição tem a seu favor. As plantas (cinco em cada cova) encontrarão difficuldades para extender o cabellame (muitas raizes superficiaes), porque o espaço é diminuto; si isto aconteceria com uma só, com cinco, então, a cousa é peior. E' o mesmo que pretender aleitar quatro bezerros na teta de uma vacca: nenhum delles consegue mamar como convem ás suas necessidades

E' preciso, pois, por principio de economia, melhorar o nosso systema de plantação de milho. E' certo, todavia, que os pequenos cultivadores (são, em geral, elles em maior escala) não podem, de um momento para o outro, comprar arado, grade, semeadeira e capinadeira. Entretanto, embora seja forçoso trabalhar com a enxada, é necessario introduzir alguns melhoramentos na cultura do milho.

Dois destes podem ser feitos por

Só a cultura racional torna possivel a colheitas de espigas como esta.

todos, porquanto estão ao alcance de qualquer um. O primeiro é referente á escolha das sementes.

Muita importancia tem este ponto na cultura do milho, como em todas as outras.

O agricultor deve escolher, na sua plantação, as plantas mais desenvolvidas, de melhor aspectos, que, por certo, darão as melhores espigas Quando fizer a colheita, deve escolher as espigas que comerem grossas e vão afinando normalmente para a base e que tenham as carreiras bem alinhadas, ou quando não, as menos tortas. Estas espigas devem ser conservadas com cuidados especiaes, para evitar os estragos dos ratos e os ataques dos gorgulhos (bem seccas).

Para a plantação devem ser despregadas as sementes da parte superior e da parte inferior, só aproveitando os da parte central de espiga

Os cultivadores adeantados, que praticam o desbaste, plantam cinco sementes, separadas umas das outras, para depois, quando as plantinhas attingirem 8 a 12 pollegadas, arrancar as que são demasiadas, somente deixando as maiores e as mais vigorosas.

Um grande numedo de plantas numa cóva, em vez de ser beneficio somente traz prejuizos Vê-se isto na photographia que illustra estas notas e os proprios agricultores poderam fazer á observação, plantando duas ou tres sementes numa cóva ao lado de outra com cinco ou seis sementes.

O NOSSO PINHO NA ARGENTINA

No relatorio referente ao primeiro semestre do corrente anno, que acaba de remetter ao Ministerio das Relações do Exteriores, o nosso consul em Rosario de Santa Fé, na Argentina, Sr. Socrates Moglia, informa que se tem registrado uma grande diminuição nas estatisticas da importação de pinho brasileiro por aquelle importante centro commercial, ao passo que a importação de pinho de proprios agricultores poderão fazer a outras procedencias augmentam de modo notavel

O consul Moglia informa que as razões da grande baixa dos preços de madeiras similares, como o pinho Oregon (americano) e Spruce (austriaco), que são vendidos por preço muito inferiores aos do nosso, com a vantagem de que o sortido vem de accordo com os pedidos dos compradores ao passo que os compradores do pinho Brasil, têm que se sujeitar ás medidas que são remettidas do Brasil.

As condições de venda que actualmente regem para cada artigo, sepadamente no mercado de Rosario de Santa Fé são as seguintes:

Pinho "Brasil": Preço actual com 80 o|o de primeira e 20 o|o de segunda, medidas usuaes dos vendedores, $.125 00 (cento e vinte e cinco pesos papel argentino) liquidos, os 1.000 pés, C. I. F. Rosario.

Pinho "Oregon": — O preço actual, com vantagem de medidas que se adatam ás necessidades da praço, $.86.50 (oitenta e seis pesos e cincoenta centavos papel argentino) liquidos os 1.000 pés C. I. F. Rosario.

Pinho "Spruce": — O preço actual, com vantagem de medidas que se adaptam ás necessidades da praça, $.98.75 (noventa e oito pesos e setenta e cinco centavos papel argentino) liquido os 1.980 pés quadrados. (Standar de São Petersburgo) C. I. F. Rosario.

Comparações de preços:

	1.000 pés
Pinho Brasil	$.125.00
Pinho Oregon	$. 86.50
Pinho Spruce (1.980 pés 2.|)	$. 98.75

CORRESPONDENCIA

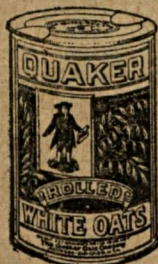
Bdaga Junior (E. do Rio) A Sociedade Brasileira de Agricultura mantem uma publicação mensal — Avicultura Efficiente — que, segundo nos parece, é remettida gratuitamente a quem o solicitar. O enedreço da Sociedade é: Caixa Postal 976 — Rio de Janeiro.

Samuel de Oliveira (S. Catharina) O Sr. Braulio R. Macedo Soares, rua Visconde de Itamaraty, 32 — Rio, mantem uma desenvolvida creação de Pombos-correios, vendendo filhotes.

O redactor desta secção dará qualquer informação de interesse aos senhores criadores e agricultores taes como: onde adquirir instrumentos de lavoura onde comprar ovos ou gado de raça, etc. Escrever para — "O Malho" (secção "Pelos Campos") — Rua do Ouvidor, 164 — Rio de Janeiro.

Mais energia *para o* desenvolvimento mental

O ESTUDO impõe um grande esforço na energia dos jovens; de facto, toda a vida da creança, o seu desenvolvimento e o seu crescimento implicam grande dispendio das forças vitaes, que só podem ser fortificadas pelo alimento devido.

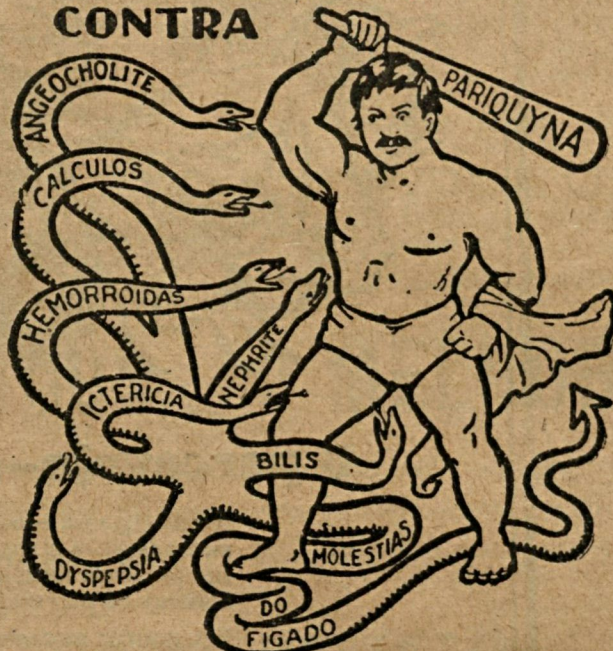
O Quaker Oats, abundante em vitaminas, carbo-hydratos, saes mineraes, fornece ao corpo os elementos necessarios para a sua devida alimentação. Este alimento delicioso é incomparavel para o almoço. Proporciona á creança a energia que lhe é essencial para dar o maior esforço nos estudos.

Como promotor da saude, o Quaker Oats é esplendido para a dieta diaria de toda a familia. É facil de preparar e muito economico.

Quaker Oats

1275

Unico remedio discutido na Academia de Medicina

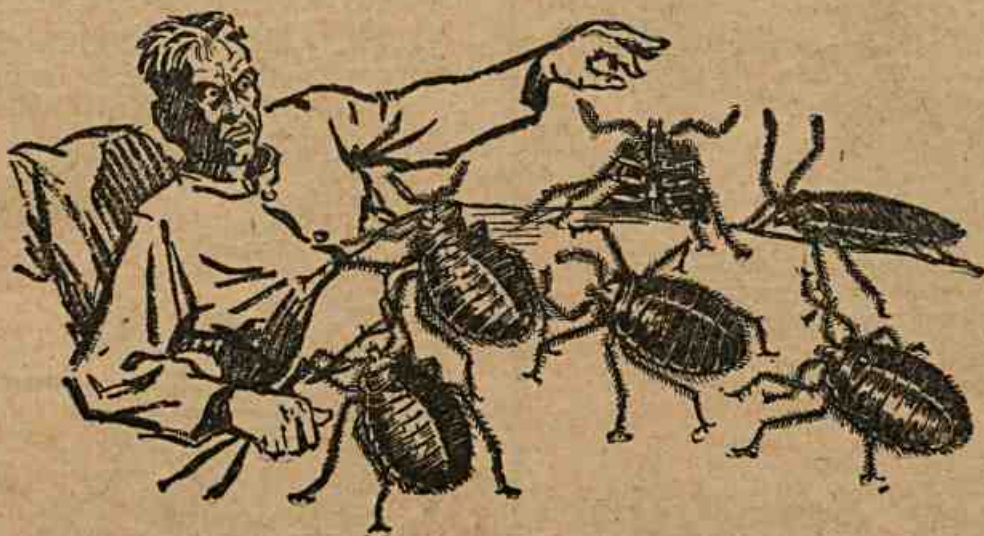
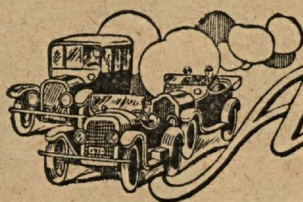
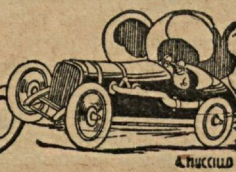
Formula do eminente scientista Dr. Barbosa Rodrigues

CONTRA

Todas as molestias do

FIGADO

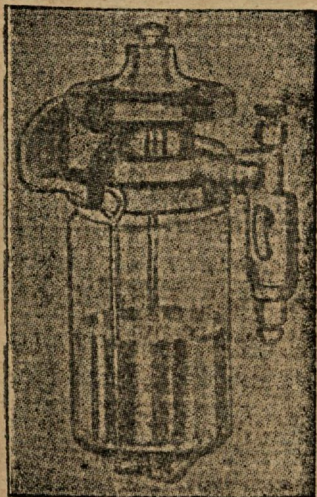
Ictericia - Calculos - Congestões hepaticas - Hepatites chronicas Vomitos biliosos

Puramente indigena — da Flora Amazonense

MANCHAS DA PELLE (PROVENIENTE DO FIGADO)

O percevejo—um tormento!
Ao abrigo da escuridão o percevejo principia a sua obra malvada—tira o repouso e causa soffrimento incessante com a sua picadura irritante. E' preciso acabar com este tormento! Destrua os percevejos com o Flit.
Em poucos momentos Flit deixa a casa livre das moscas, os mosquitos, os percevejos, as baratas, as formigas e as pulgas que trazem o contagio das doenças. Penetra nas fendas em que os insectos se albergam e criam, destruindo os seus ovos. Mortifero para os insectos mas inoffensivo para as pessoas. Não deixa nodoas.
Não se deve confundir o Flit com os insecticidas ordinarios. Causa maior exterminio dos insectos, sendo por isso superior. Fabricado pela maior fabrica de insecticidas do mundo. Compre uma lata e um pulverizador de Flit hoje.
Distribuido por Standard Oil Company of Brazil
Jogo completo (Bomba e lata de 473 c.c.) 13$000 — Bomba 7$000
Lata de 473 c.c. (1 Pinta) 8$000 Lata de 946 c.c. (¼ de galão) 12$000
Lata de 3,785 litros (1 galão) 44$000
FLIT
FLIT
FLIT
Mata
Moscas
Mosquitos
Traças
Formigas
FLIT
MARCA REGISTRADA
Para a protecção do publico, o Flit vende-se sómente em latas fechadas
"A lata amarella com a faixa preta"

CONSELHOS AOS AMADORES

Não se deve abandonar um automovel na via publica, o que constitue uma infracção, e em especial em ruas não planas, pois qualquer vadio, por maldade ou por inconsciencia, póde destraval-o, occasionando um grave desastre.

Se a necessidade impuzer o abandono do carro, mesmo por pouco tempo, em rua inclinada, deve-se traval-o bem, engrenando a primeira velocidade com a direcção da marcha em sentido contrario ao do andamento do carro e ainda, por maior garantia, devem-se correr as rodas dianteiras em angulo com a borda do passeio. Assim se prevenindo, mesmo que o carro se ponha em movimento, será impedido de proseguir pela resistencia que lhe offerecerá o passeio. Ainda na hypothese do passeio ser galgado, o carro irá parar contra a parede, sem nenhum prejuizo, pois que está engrenado na primeira velocidade.

UM NOVO LUBRIFICADOR DE MOTORES

O novo accessorio para lubrificação de motores a explosão.

A Lubricanting Equipment acaba de lançar um novo accessorio para lubrificação de motores, e que consiste, essencialmente, num reservatorio com oleo, dividido em tres partes, separadas entre si por diaphragmas permeaveis movimentados pela pressão dos gazes da descarga e regulado por agulhas.

Os diaphragmas são horizontaes, sendo que um dos reservatorios, o de cima, está ligado ao tubo de descarga, no ponto mais afastado da sahida.

O reservatorio inferior está ligado ao tubo de admissão.

Sempre que uma valvula de descarga abre, a pressão dos gazes no reservatorio superior força o oleo para o inferior.

Ao terminar o effeito dessa explosão, o diaphragma volta a sua posição primitiva, procurando uma passagem de oleo para o cano de aspiração, nessa occasião sujeito a uma depressão.

Desse modo, a cada descarga e admissão de gazolina, recebem o motor e a valvula uma pequena quantidade de oleo, que póde ser regulada a vontade, proporcional da intensidade da explosão.

O oleo é filtrado por um filtro, podendo ser interrompida sua circulação com facilidade.

As experiencias realisadas deixaram prever tratar-se de um accessorio que dentro em pouco estará universalmente adoptado.

A APPARENCIA E', APENAS, UM PONTO DE PARTIDA

Não basta *parecer*. E' preciso *ser* tambem.

As apparencias attrahem. E muitas vezes decidem, até. Mas só a qualidade conserva e retém.

Assim succede, por exemplo, com os automoveis. Movendo-se num meio de intensa competição, os seus fabricantes buscam agradar á primeira vista, impressionar de golpe. Conhecem e respeitam o valor das apparencias.

Ha muitos que se limitam a isto, apenas. Querem só, com prejuizo daquelles a quem servem e com prejuizo proprio, tambem, conquistar o proveito immediato. Sacrificam o futuro no presente.

Outros, porém, julgam a apparencia como realmente deve ser considerada. Tomam-na apenas com um ponto de partida. Querem, de facto, que á belleza externa corresponda a efficiencia, cujo papel no automovel é dominante.

Tal succede, por exemplo, com o novo "Buick", agora posto no mercado com typos novos de carrosseria, para commemorar o 25º anniversario da marca. E' um carro superiormente e distincto, mas na apparencia, fel-as no mesmo gráo e todas as conquistas que acaba de fazer com egual valor, na efficiencia mecanica.

Nos "Buick" 1929 estão os accrescimos e melhoramentos dos principios fundamentaes que provaram tão bem em mais de 2 milhões de carros dessa marca, construidos até agora. São mantidos, por exemplo, os seguintes detalhes do optimo uso e funccionamento:

motor com valvulas na tampa dos cylindros; virabrequim equilibrado; motor triplamente protegido; ventilador de carter; tubo de torsão; freios nas quatro rodas; chassis de dupla curvatura; amortecedores hydraulicos dianteiros e trazeiros e varios outros requisitos de excellencia que não cabaria aqui enumerar.

A força de toda a nova série "Buick" foi bastante augmentada, com resultado directo no accrescimo de velocidade. A série 116 produz nada menos de 74 C. V. e as 121 e 129 dão 90 1|2 C. V.

Por isto, pois, os carros aceleram mais rapidamente e são especialmente possantes no subir rampa. E como o modelo tinha sido bastante melhorado, ainda se torna mais facil e frequente mantes altas velocidades em estradas más.

Do ponto de vista do conforto, a carrosseria do novo "Buick" apresenta-se mais ampla, dando maiores accommodações no sentido da largura. Tem o assento do conductor ajustavel, sendo este apenas um, entre muitos, dos requintes que constituem a superioridade dos modelos agora apresentados.

■ ■ ■

Regressou dos Estados Unidos de America do Norte, onde esteve em viagem de recreio e goso de férias, o sr. Roy Smith, vice-presidente da Studebacker do Brasil.

O sr. Roy Smith viajou no "American Legion" acompanhado de sua esposa a sra. d. Valeri Smith e de dois filhinhos.

A bordo e no caes foram recebel-os auxiliares e companheiros das diversas secções da Studebacker do Brasil, inclusive o director presidente dessa importante empresa do nosso commercio automobilistico, sr. William Althoff, para isso vindo de São Paulo.

O novo "Meneghetti" de São Paulo e o seu horrivel crime

(FIM)

autonomasia de "Meneghetti". Vendo que seria inutil resistir ante a superioridade numerica das autoridades, elle entregou-se colerico. Levado para a delegacia, Lancellote tudo fez para negar o crime acabando por confessal-o dizendo, entretanto, que agira só, sem a cumplicidade de nenhum outro bandido.

Não obstante essas declarações as autoridades continuaram a procurar os companheiros de "Meneghetti" acabando por descobril-os: os syrios Camillo Saab e Aref Camillo Saab.

A população de Bragança, vibrando de revolta e indignação, durante varias horas rodeou a delegacia gritando contra o nome do bandido que arrancou em tão perversas circumstancias a vida de um humilde e honesto chefe de familia, cujos funeraes se revestiam de imponencia, a elles comparecendo grande parte da população bragantina.

* * *

Lancellote é uma assustadora promessa de criminoso invulgar.

Aos 18 annos elle já tem todos os caracteristicos dos bandidos que se celebrizaram... Inaccessivel á regeneração, como todos que o conhecem não ignoram, elle diz que a sociedade vale menos do que elle...

E' o segundo assalto que realiza contra a firma Assis Valle & Cia. Palestrando com as autoridades elle disse que não desanima de "visitar" a referida firma. Tantas tentativas fará, confessou, que em alguma dellas vencerá...

* * *

Foi esse emulo de Meneghetti que, para bem da sociedade, cahiu nas mãos da policia. Que esta o entregue ao castigo do carcere é o desejo ardente da população de Bragança que vê no desgraçado moço a revelação de um grande criminoso que está fadado a commetter as façanhas mais audaciosas, as proezas mais arriscadas na ansia de conseguir pela audacia e pela maldade o que os outros conseguem trabalhando...

PUBLICIDADE
INTERNACIONAL

O MALHO

ANNO XXVII ⊞ NUM. 1.367

RIO DE JANEIRO, 24 DE NOVEMBRO DE 1928

QUANDO o "Principessa Mafalda" foi ao fundo, attribuiram-se as consequencias tragicas do naufragio á negligencia da companhia proprietaria do navio, mais pelo facto de se acharem imprestaveis os botes de salvamento do que propriamente ao máo estado da embarcação.

— Com um navio inglez — dizia todo o mundo — isso não se daria nunca!

Na verdade, todo mundo tinha razão. Os inglezes sempre foram navegadores habeis e prudentes. A sua marinha mercante, sobretudo a que se occupa do transporte de passageiros, impoz-se á consideração universal pela segurança das suas unidades, pela disciplina dos seus tripulantes e pela energia serena e reconhecida competencia dos seus capitães. Viajar num transatlantico que arvorasse a bandeira britannica era ter a certeza quasi absoluta de chegar são e salvo ao porto de destino.

MAS, agora, com o desastre do "Vestris", que, ha muitos annos, fazia a carreira de Nova-York a Buenos Aires, via Rio de Janeiro, o prestigio dos transatlanticos inglezes soffre um forte abalo. Custa-se a admittir — e foi o que houve — que um navio, depois duma collisão com outro, do qual resultaram avarias de vulto para as duas partes, faça-se ao largo. Mas admitte-se. E' uma aventura perigosissima a que o commandante não dá devida importancia porque confia de mais nos recursos de bordo para remendar os rombos provenientes do abalroamento. O que não se admitte, de maneira nenhuma é que esse navio, dentro do qual haja centenas de pessoas, sendo uma parte de creanças, emprehenda uma, duas, dez, cincoenta viagens com uns botes de emergencia que não servem nem para o fogo porque estão podres. Isso não representa apenas uma imprudencia: — é um crime imperdoavel que devia ser punido com toda severidade.

E o que torna mais grave esse crime é o desprezo com que a companhia proprietaria do "Vestris" continuou tratando os seus clientes depois do afundamento do Principessa Mafalda", afundamento que devia ter servido de alarme para que todas as empresas de navegação repassassem o material de seus vapores destinado a servir em caso de naufragio.

A responsabilidade dessa desgraça não cabe, porém, sómente aos donos do navio sinistrado: — ella ha de ser dividida com o "Lloyd Register". "Lloyd Register" é uma instituição ingleza respeitavel, acatada no mundo inteiro. A embarcação que viaja com o "placet" do "Lloyd Register" é uma embarcação segura. Como se justifica, pois, que elle tenha permittido as constantes travessias do "Vestris" quando os seus botes não preenchiam os grandes fins a que eram destinados? Será possivel que o "Lloyd Register" tão rigoroso, tão austero, tão intransigente com os navios estrangeiros, quebre um pouco a sua linha inflexivel em se tratando de navios inglezes?

NÃO é sem pezar que abordamos este assumpto. Somos amigos dos inglezes, temos pela Grã-Bretanha a admiração a que ella faz jús pelo seu papel civilisador no seio da humanidade e devemos manifestar, sempre que surja uma opportunidade, a nossa gratidão pelo muito que o capital inglez vem fazendo pelo progresso do Brasil. Mas não é possivel silenciar deante do naufragio do "Vestris", porque acima da nossa natural sympathia pela nacionalidade dos seus proprietarios está o dever de solidariedade com os nossos semelhantes.

FLAGRANTES INTERNACIONAES

Acampamento de senhoras casadas em Illinois, na America, onde no tempo das férias, ellas não admittem maridos nem creanças, nem cães. As mães descansam dos seus trabalhos de edificar o home *americano*

O carroceiro de uma cervejaria toma o seu chopp *antes de começar o serviço do dia. E' um antigo costume de Berlim, em geral, executado de boa vontade*

A Sra. W. B. Scott que tem ganho cinco corridas de automovel em Brooklands este anno e o seu cão alsaciano Rajah, *vencedor de 46 premios em diversas exposições.*

A Sra. Beaumont, mulher do muito conhecido millionario americano e dois diminutos companheiros chinezes de antiga e real estirpe nos jardins do hotel em Cap d'Autibes.

O Sr. Theodore Garry, banqueiro americano, multimillionario e chefe de uma das maiores corporações de telephones, gozando em Londres das primeiras ferias que toma em seus 74 annos.

Applicação do rouge permanente por meio de operação.

O BRASIL SEM DEFESA

(A reforma das tarifas alfandegarias, em discussão no Senado, manterá, ao que se diz, o criminoso regimen de protecção á falsa industria nacional.)

A MEGERA — Pouco importa que eu estrangule este indio. O que eu quero é a nota!

A EXPOSIÇÃO DO BRASIL KENNEL CLUB

"Argos", propriedade do Sr. Julio Silva.

As festas que o Brasil Kennel Club vem realisando em pról do desenvolvimento e apuro da raça canina reunem, sempre, na praça de sports do Club de Regatas Flamengo o que a nossa sociedade tem de mais escolhido e fino. No domingo atrazado, como nas festas anteriores, o lindo campo se vestiu das mais lindas côres que lhe levaram a graça e a elegancia dos vestidos das mais interessantes creaturas. Eram duas horas da tarde quando a exposição começou, e já o campo estava repleto.

De instante a instante, entretanto, o largo portão despejava mais gente e — curioso — não poucas vezes surgia uma cara bonita tendo á mão a corrente de um cachorro feio...

A commissão julgadora começava a mover-se e cada uma daquellas senhoras e cavalheiros que tinham seus animaes á mão, se approximaram. Foi um instante em que se reuniram os cães, cada qual representando uma raça, com o seu typo proprio, mostrando na vivacidade dos olhos as proezas que podem fazer. Desta vez, entretanto, a directoria do Brasil Kennel Club quiz proporcionar á selecta concorrencia um lindo espectaculo, no qual as habilidades dos differentes cães inscriptos seriam postas em prova. E, começando o programma, surgiu na arena, na sua esbelteza, a *Susy*, do Sr. Hans Bistritschan, nossa velha conhecida. Revelando a sua "perfomance", mais uma vez ella arrancou palmas da assistencia galgando obstaculos e saltando varas. Na sua elegancia a *Susy* só deixou de vencer um numero, o que consistia em encontrar o dono, escondido longe... Parece, ella achou melhor ficar ali, perto de gente bonita...

O segundo concorrente passou desapercebido...

O terceiro um cão negro, o "Rin-Tin-Tin", do Sr. Carneiro Junior,

Uma prova de salto

Senhoras e senhorinhas na Exposição Canina

não realisou os milagres de esperteza e habilidade que tanto caracterisaram os trabalhos da *Susy*. Mas fez uma proeza mais... agradavel para elle. Na 10ª prova, a que todos os concorrentes se submettem, o animal põe em evidencia a sua obediencia e confiança no patrão. Por isso, se algum estranho lhe offerece um pouco de queijo ou de carne elle tem de recusar. A *Susy* resistiu heroicamente. Mas o "Rin-Tin-Tin" nem esperou qua a tentação se repetisse, porque á primeira amostra elle "adheriu".

Mas as honras da tarde couberam á linda cadella de macios pellos amarellos, a "Darling", do Sr. Alvaro Mesquita Bastos. Ella arrebatou a assistencia com a rigorosa precisão dos seus trabalhos, a revelação de um faro extraordinario e de um treinamento invulgar. Não houve prova a que a "Darling" se submettesse que não sahisse triumphante. Arrancou as mais justificadas ovações e ao deixar o campo, ao lado do seu dono olhava para traz de vez em vez, sacudindo a cabeça, como para agradecer a manifestação recebida.

Tres bellos exemplares que se apresentaram á Exposição

Posando para "O Malho"

O ultimo animal a exhibir-se foi o "Tupy", inscripto extra-programma. Seu dono, em meio ao campo, alçou uma escada e o "Tupy" galgou-a como se fosse um homem. Essa proeza arrancou da assistencia muitas palmas. Em seguida o sargento dono do "Tupy", mandou que alguem, com uma bengala, o aggredisse. O "Tupy" revelou esplendido *trainning* de defesa.

Nos saltos o "Tupy" revelou-se extraordinario. Em successivas vezes saltou a vara até cerca de dois metros.

Finda a exhibição, uma senhora encantada com as proezas do "Tupy", indagou do seu proprietario, muito interessada:

— De que raça elle é?

E o sargento, sério, respondeu:

— "Vira-lata".

— "Vira-lata"? — repetiu a senhora, não conheço essa raça...

Um inglez muito comprido que a ladeava, disse, seccamente:

— E' a mesma cousa que "street dog"...

A senhora sorriu...

* * *

O resultado do julgamento dos trabalhos feitos em campo pelos concorrentes ao grande premio foi o seguinte:

Grande Premio de Campeonato, "Darling", do Sr. Alvaro Mesquita Bastos; Grande Premio de Honra, "Roland", do Sr. Waldemar Hauer, de São Paulo; Primeiros premios, (obtiveram o mesmo numero de pontos) "Argos", do Sr. Julio da Silva, e "Susy", do Sr. Hans Bistritschan; Segundo Premio, "Siki", do Sr. Oscar Torres; Terceiro Premio, "Rin-Tin-Tin", do Sr. Carneiro Junior, e

A' espera do julgamento final

Menção Honrosa, "Tonny", do Sr. Astrogildo Ferreira Andrade.

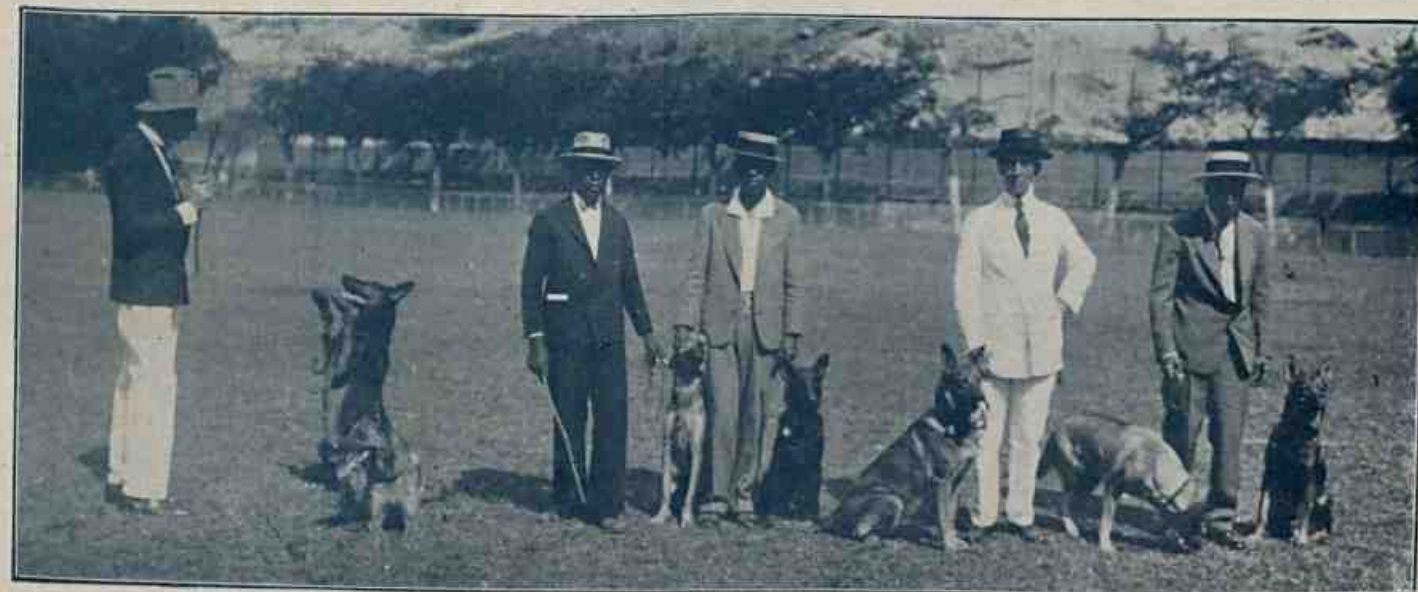
* * *

Sobre a exposição de raças, o Jury, pelo methodo comparativo, fez a seguinte classificação:

"Susy", propriedade do Sr. H. Bistritschan.

Raça Bull dog inglez — Grande Premio "Newington Sentinel", do Sr. conde Modesto Leal; primeiro premio, "Bismarck", do Sr. Amandio Pereira de Figueiredo; primeiro premio, cadella "Newington Beauty", do Sr. conde Modesto Leal.

Raça Bull-dog francez — Primeiro premio, "Branca Bolette", do Sr. capitão Edgard Amaral.

(Termina na pag. 54)

Alguns cães acompanhados dos seus respectivos proprietarios

O Morro da Gloria

(Reportagem especial para "O Malho", de Barros Vidal)

Enfeite encantado do Russell, como um ornamento collocado pela mão do Homem para emprestar o prestigio da sua graça ao delicioso recanto, o morro da Gloria, com o seu casario a galgar-lhe a encosta e a capellinha lá no alto, dá a impressão de um reino de fadas que a gente nunca viu, mas que as historias nos ensinaram a vêr...

Sendo o menor dos morros povoados da cidade é, entretanto, o unico que offerece aspecto inconfundivel, porque de qualquer lado que o fixemos assalta-nos a mesma visão, as mesmas palmeiras surgem, lá no alto, com o leque das suas largas folhas, e o mesmo campanario branco se divisa, dominador e altivo! Preciosa reliquia historica, nem por isso o morro da Gloria deixa de ser, tambem, um dos detalhes mais expressivos e lindos do impressionante panorama que da Guanabara se desfructa porque, realmente, ha um singular encanto na sua conformação. De longe, olhando-lhe o esplenplendor, parece que todas aquellas casas que se amontoam em baixo, se firmam melhor nos alicerces para manter em equilibrio, lá em cima, o templo sagrado. E de perto, galgando-lhe as ladeiras como, agora acontecia comnosco, a gente sente o silencio e a quietude na sua expressão mais real. Iamos ali, como fôramos ao morro da Conceição, lembrar o passado, sem ter aliás aos olhos as dezenas de ruinas evocadoras que surprehendemos naquelle. A unica tradição viva e materialisada que no morro da Gloria existe é a sua linda capella que o sol veste de ouro todas as manhãs. O resto da sua historia palpita nas suas ladeiras, no seu becco de feição caracteristica, nas paginas de alguns livros de José de Alencar e nos ultimos annos do regimen decahido...

"...As mesmas palmeiras surgem :: lá no alto..." ::

* * *

A lenda é uma força subsidiaria da Historia. Quando esta falha, inevitavelmente aquella surge com o elemento esclarecedor da sua collaboração. E' o caso da origem da ermida da Gloria. Tudo faz crer, e isso através a noite cheia de trevas de tantos seculos, que seus primeiros alicerces foram levantados em 1671 por Antonio Caminha.

Quarenta e tres annos depois a ermida foi reconstruida, ganhando nova fórma e mais espaço, espaço e fórma que ainda hoje occupa e tem. Nessa época remota, a igreja da Gloria era o templo predilecto dos vice-reis. Tres vezes por semana, seguidos dos seus cortezãos, os altos senhores venciam a ingreme ladeira para ir, lá em cima, agradecer a Deus os poderes que elle lhes deu para governar os homens. Nas festas em honra da padroeira, realizadas em 15 de Agosto de cada anno, os dignatarios da côrte tambem compareciam. Essa preferencia dos vice-reis pela linda igreja foi conservada tambem pelo nosso ultimo Imperador que em companhia de sua augusta Senhora e Rainha nella rezava as suas mais fervorosas orações. Era seu habito, acabada as suas preces, descer a ladeira que deita para o jardim da Gloria e ir repousar no edificio da Secretaria dos Estrangeiros, situado no mesmo logar em que se ergue, hoje, na imponencia das suas linhas elegantes, o Palacio S. Joaquim, residencia do Cardeal Arcoverde. Morta a monarchia morreu a preferencia... mas ficou a tradição e o prestigio da santa padroeira que a tudo resistem e tudo vencem porque são um reflexo de Deus...

* * *

A não ser esses trechos de historia, os fulgores da igrejinha e os panoramas que offerece aos olhos

..."O morro da Gloria com o seu casario a galgar-lhe a encosta..." — — — — — -

mais curiosos e exigentes — o morro da Gloria nada tem de interessante. Suas ladeiras ingremes e suas escadas de pedra que descem para o Russell, relembrando ruélas coloniaes, são communs e não despertam curiosidade, tambem. O que nos seduziu, e muito, lá na sombra da arvore amiga, foi a sympathia irresistivel do menino de olhos tristes que ali encontramos, a mão extendida, para commover, com os seus andrajos, os que vão rezar. Elle não tem o geito dos outros mendigos que para exalçar os proprios infortunios mostram os aleijões mais feios e dizem as palavras mais tristes. Deixa-se ficar quieto, o olhar parado no espaço, sacudido de uma tosse secca de quando em quando e com uma vaga melancolia no rosto. Sua vida bem podia juntar-se ao historico do morro porque, nascido ali, ali ficou até hoje — treze annos de amarguras a fio e de provações sem conta.

— Você não tem concorrente, aqui?

— Não. Mesmo porque eu não vou pedir esmolas na porta da igreja... Acho que isso é um grande peccado...

E, inconscientemente revolvendo o drama de que nasceu:

— Peccados por peccados bastam os da minha mãe...

— Da sua mãe? Quem é ella?

E elle disse, na simplicidade das suas palavras, pobres como as roupas que vestia, que não conheceu a mãe porque ella o abandonara á porta de uma casa daquellas. Recolhido pelas mãos piedosas de uma vendedora ambulante de doces, pouco tempo viveu sob a sua protecção porque, a generosa creatura, cerrando os olhos para o mundo, deixou-o no abandono e no turbilhão desse mesmo mundo. Dahi em diante, sua vida foi um continuo desenrolar de privações, uma série de desventuras e tragedias...

— Gosta do morro?

— Quem não gosta da casa em que mora? indagou e respondendo á propria pergunta:

— Muito. E' aqui que arranjo alguns tostões para matar a fome...

E olhando-nos de frente:

— Hontem foi um dia de azar. Nem um tostão.

Baixando a cabeça e sacudindo-a:

— Senti tanta dôr aqui...

E apontou com a mão maltratada o estomago vasio...

* * *

De todas as impressões colhidas no morro, entre as suas casas de construcção moderna e antigas, entre suas ladeiras e escadas e todas as paysagens que do seu alto se descobrem — de tudo que vimos, o que mais nos emocionou, foi, sem duvida, o drama do menino mendigo de vestes esfarrapadas que na sua grande desgraça tem a felicidade de viver perto de Nossa Senhora da Gloria...

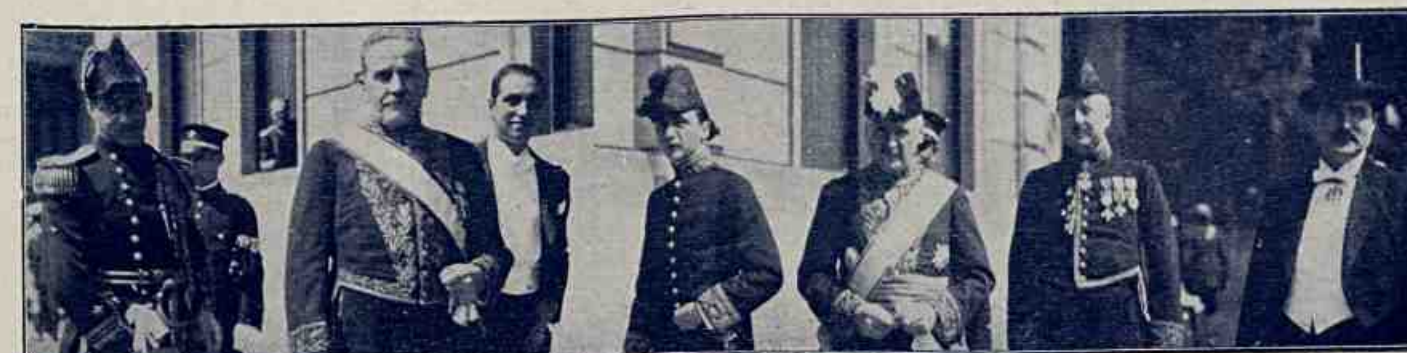
RECEPÇÃO DO CORPO DIPLOMATICO NO CATTETE

Diplomatas que foram cumprimentar o Sr. Presidente da Republica no dia 15 de Novembro, vendo-se no primeiro plano o nuncio monsenhor Aluizio Masella, ladeado pelo embaixador de Portugal, Dr. Duarte Leite e o da Argentina, Dr. Mora y Araujo.

O embaixador Mora y Araujo cercado do commandante e officiaes do cruzador argentino que veiu assistir ás festas.

O conde Robert Dejean, embaixador França, e conde de Robien, sem chapéo, conselheiro da Embaixada.

O embaixador belga. — *O ministro da China e o embaixador do Japão.* — *O ministro da Hespanha.* — *O ministro do Uruguay.*

Grupo de secretarios de Legação, á porta do Cattete, após a recepção dada pelo Sr. Presidente da Republica ás missões diplomaticas acreditadas em nosso paiz.

O embaixador do Chile cercado do pessoal da Embaixada. — *O embaixador da França e o seu secretario.*

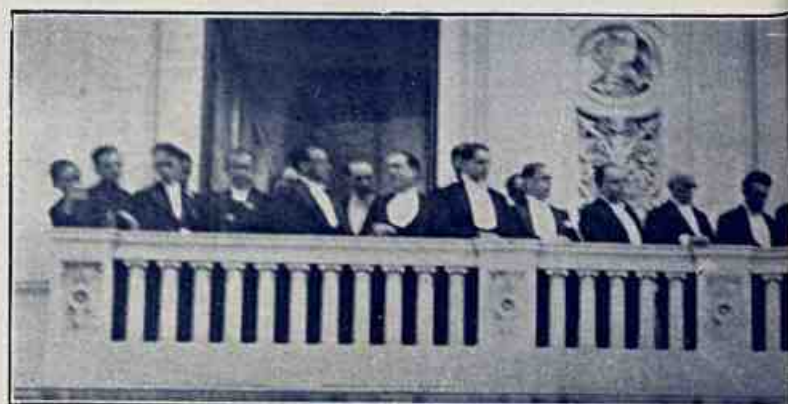
O ministro da Hungria. — *O embaixador inglez, com o secretario e o addido naval da Inglaterra.* — *O almirante Penido no meio da representação diplomatica.*

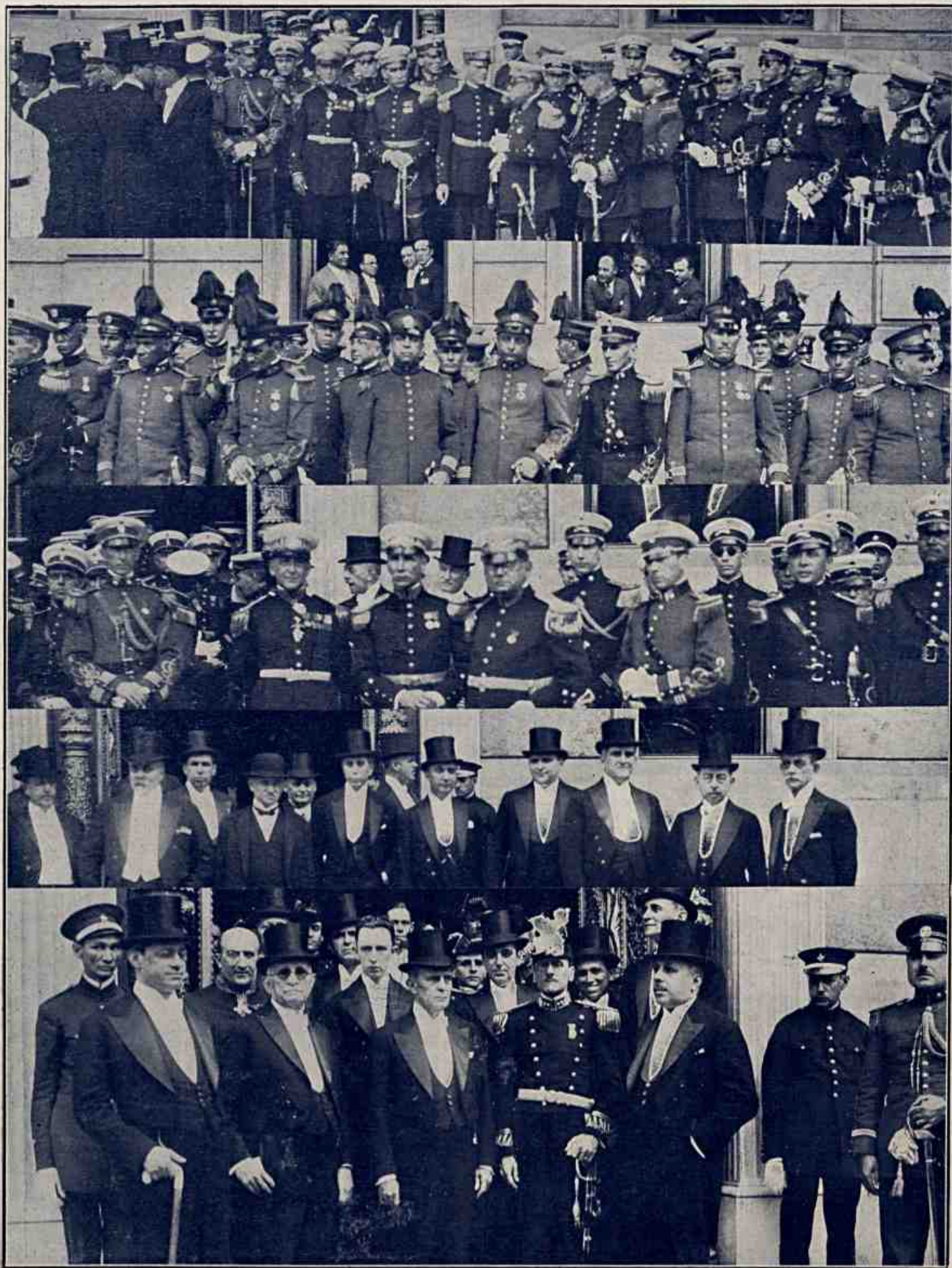
AS POLICIAS ESTADUAES DEANTE DO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA

15 de Novembro de 1889

O Sr. Presidente da Republica e altas autoridades, no Cattete

15 de Novembro de 1928

O concurso que as policias do interior prestaram ás festas do dia 15, foi sem duvida dos mais apreciados e apreciaveis. O simples espectaculo da confraternisação dos Estados, que ellas representam, em torno da Republica na data de seu natal, teve indiscutivelmente aos olhos da Capital uma significação e um alcance politicos indisfarçaveis. Depois não serão poucos os beneficios que advem ao Brasil desse apêrto de mão entre filhos que a fatalidade geographica collocando-os em latitudes diversas, isolou uns dos outros entre a barreira das montanhas e o fosso dos valles... Para as colonias dos Estados aqui domiciliadas esta visão da terra natal foi ainda de certo mais grata. — Muitos desejariam naturalmente que essa imagem lhes tivesse vindo maior, para que melhor impressão dêssem da sua força. Mas, nestes casos o que vale na verdade é o facto moral em si. Além disso, as policias são nos Estados apenas o estrictamente necessario á sua vigilancia, não podendo portanto ser facilmente distrahidos os seus elementos. Mandaram-nos assim o que podiam effectivamente mandar. E a cabeça do paiz, que tão bem sabe discernir estas cousas, fez-lhes justiça, recebendo esses pequenos contingentes militares — reservas da defesa nacional — com o carinho que ellas de facto mereciam de todos nós. D'ahi os applausos que os acompanharam no seu desfile pelas nossas avenidas, na parada civica com que governo e povo commemoraram a proclamação da Republica.

Os contigentes das policias estaduaes desfilando em frente ao palacio do Cattete

O 15 DE NOVEMBRO NO CATTETE

Depois da recepção do Sr. Presidente da Republica, por occasião do 39° anniversario do regimen republicano

DEFININDO, DEMARCANDO E RESTAURANDO AS FRONTEIRAS DO BRASIL

O nosso governo assignou a 15 de novembro, dando assim maior realce á commemoração da grande data republicana, o tratado de limites com a Colombia, definindo a fronteira Apaporis-Tabatinga. Esse acto, além do seu valor proprio, tem para o Brasil uma significação especial: elle vem resolver a mais velha das nossas questões de limites.

Muita gente não comprehende porque só agora se liquida esse caso. Mas a razão é simples. O Barão do Rio Branco, com aquella admiravel visão de estadista e com a sua sagacidade de diplomata, dava uma alta importancia ás questões de limites do Brasil. E foi graças á habilidade com que as resolveu que o seu nome ficou sendo um dos ricos patrimonios moraes da Patria. Morto, o grande chanceller, as questões de limites, a que está tão intimamente ligada a paz de nosso Paiz com todo o continente sul-americano, o problema das fronteiras passou para um plano secundario. E durante quatriennios a fio a secção de limites do Itamaraty, era de natureza exclusivamente burocratica. "Tenho a honra de communicar a V.Ex. que..." — e não sahia dahi.

Coube ao Sr. Octavio Mangabeira a felicidade — e por que não dizer: a gloria — de restituir aos serviços de fronteira o seu justo valor. Quando S.Ex. assumiu a direcção da nossa politica internacional, o Brasil tinha, na sua linha divisoria varios trechos a definir: um, com o Paraguay, cuja discussão fôra suspensa desde 1872, (Fóz do rio Apa ao desaguadouro da Bahia Negra); outro, com a Argentina (Bocca do Guarahim, e posse definitiva da ilha ali situada); um outro com a Colombia (Apaporis-Tabatinga); e dois com a Bolivia (Rio Verde e parte do Chipamam, e protocollo ferroviario). O tratado sobre estes ultimos, segundo nos informaram, será brevemente assignado; o tratado com a Colombia é o que foi assignado a 15 do corrente; e os tratados com o Paraguay e a Argentina já o foram respectivamente em maio de 1927 e em Fevereiro de 1928.

Mas ha no serviço de fronteiras tres phases distinctas: a definição, a demarcação e a restauração. De maneira que, depois de definidas, as fronteiras exigem ainda um trabalho demorado do Itamaraty.

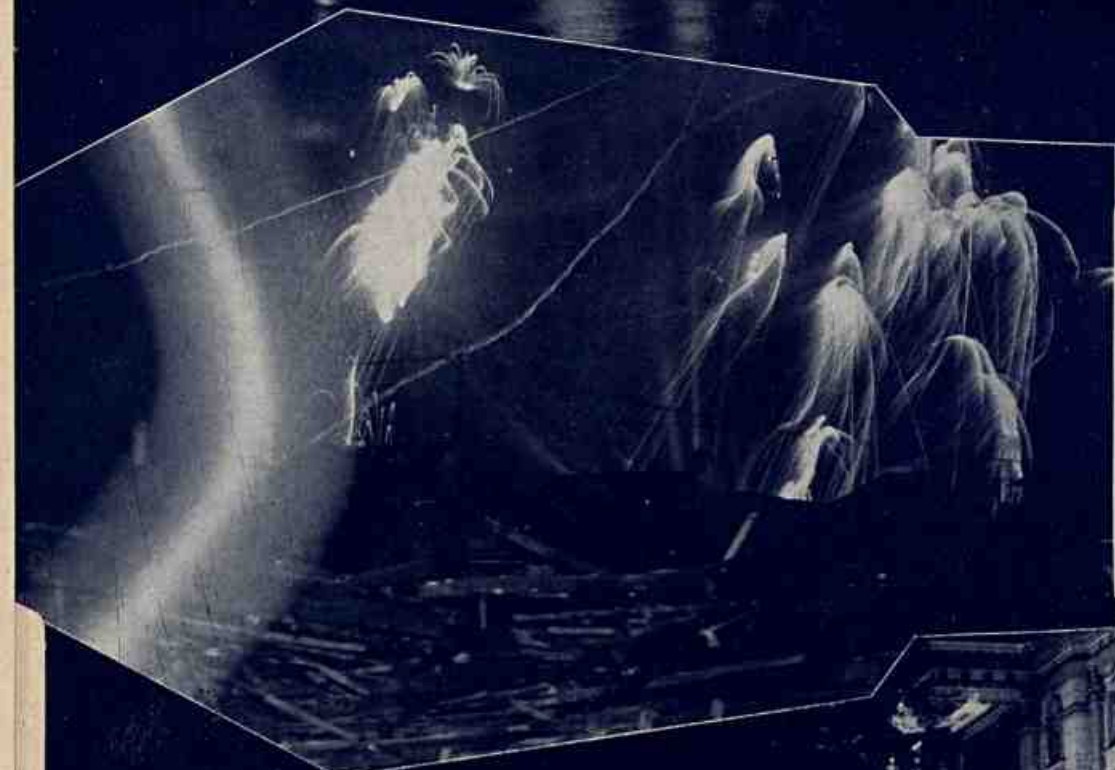
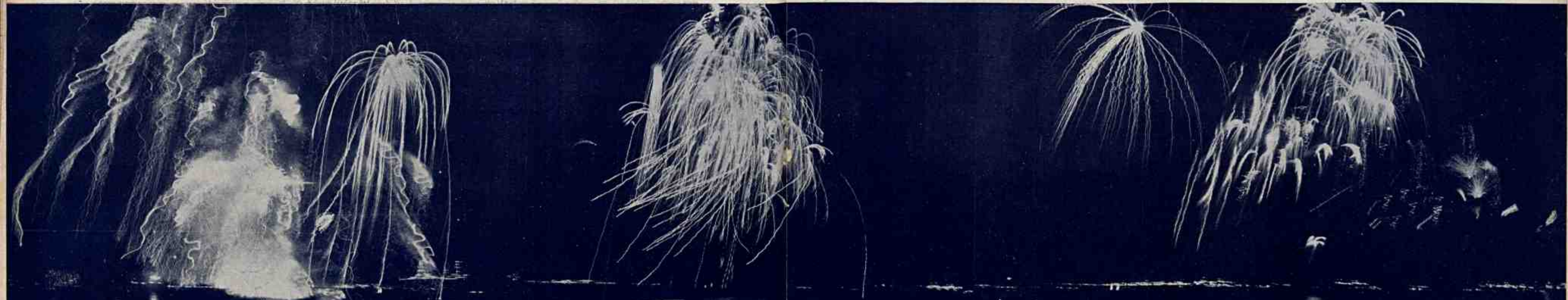
Razão por que o senhor Octavio Mangabeira systematizou esse serviço, dando-lhe um technico na secção de limites e dividindo toda a fronteira brasileira em tres sectores: o "Norte", comprehendendo as Guyanas e a Venezuela; o "Oeste", que abrange as divisas com a Colombia, o Perú e a Bolivia; e o "Sul", interessando o Paraguay, a Argentina e o Uruguay.

Neste momento, o serviço de fronteiras do Itamaraty está desenvolvendo uma extraordinaria actividade em virtude dos seguintes actos assignados pelo Sr. Octavio Mangabeira: protocollo com a Venezuela, para conclusão da demarcação; accordo com o Uruguay para a restauração dos marcos; conclusão da demarcação com o Perú; inspecção da fronteira Brasil-Argentina e Brasil-Paraguay; e estudos para as negociações sobre os limites com as Guyanas Francezas e Hollandezas.

E', como se vê, uma tarefa digna de ser louvada, tanto mais quanto tudo isso se fez apenas em 24 mezes de governo. Resolvendo dess'arte as questões de limites do Brasil, defendendo sempre com intelligencia e lealdade, os nossos direitos, o Sr. Octavio

(Termina na pag. 51)

O Sr. Octavio Mangabeira, Ministro do Exterior e o Sr. Garcia Ortiz, Ministro da Colombia.

Assignatura do Tratado de Limites com a Colombia, no gabinete do nosso Chanceller.

1889 – 15 DE NOVEMBRO – 1928

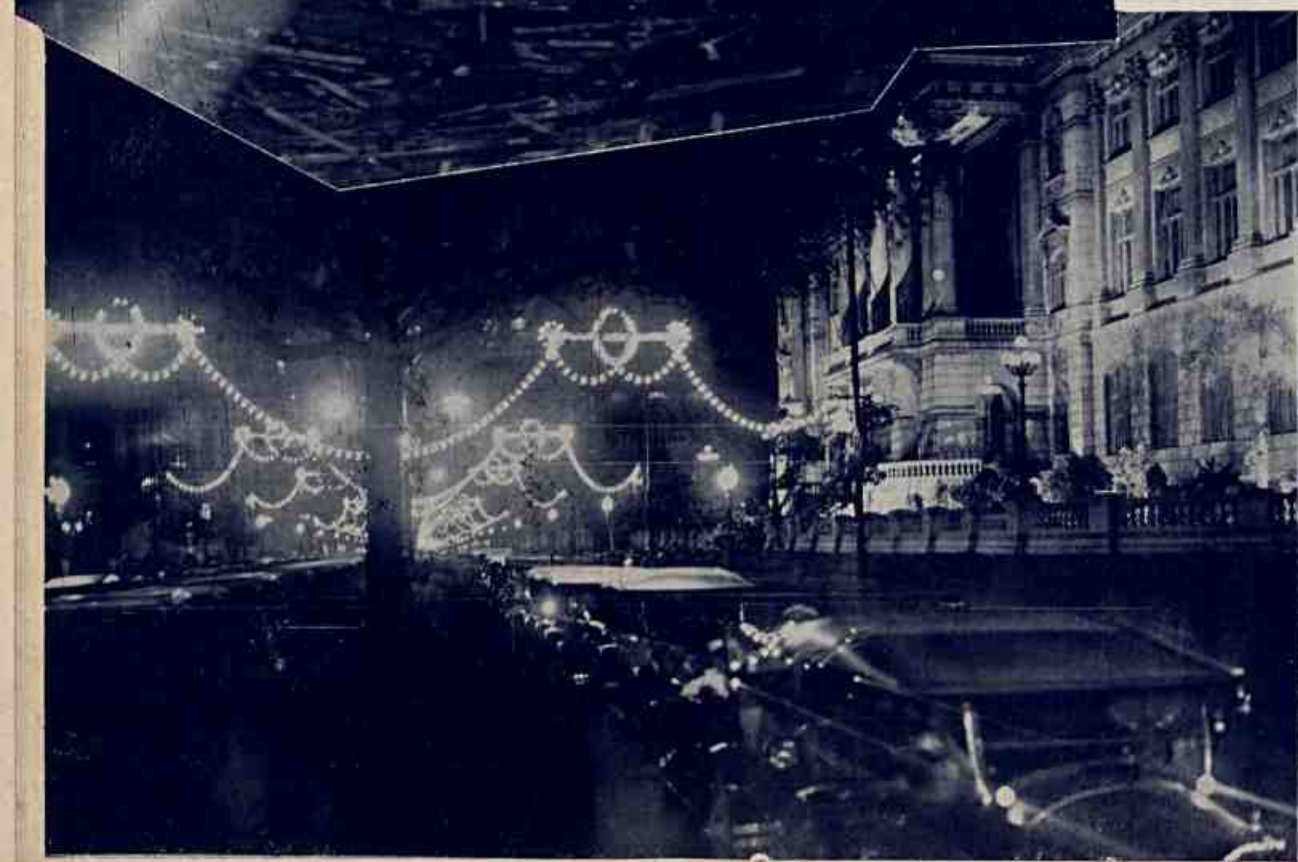
A cidade viu passar, na penultima quinta-feira, mais um anniversario da Republica. Viu e compartilhou jubilosamente com todas as commemorações e com a sua alegria deu vida nova á linda terra carioca. O que foram as festas daquella noite encantadora, melhor que palavras, dizem as gravuras desta pagina: aqui estão flagrantes dos fogos queimados e a sumptuosidade da Avenida Rio Branco cheia de luz e vibração.

24 — Novembro — 1928 O Malho

A Santa do Convento dos Missionarios de Jesus Crucificado

SORÔR AMALIA — A ESTIGMATISADA, ENTRA EM COLLOQUIOS COM JESUS, NOSSO SENHOR

Uma reportagem completa sobre o caso impressionante da religiosa de Campinas

(ESPECIAL PARA "O MALHO", POR JORGE SANTOS)

A majestosa Cathedral de Campinas.

— Diga-me, já viu a santa?

— Não, ella não apparece a ninguem...

— Mas acredita no que se fala por ahi, com referencia á irmã Amalia de Jesus Flagellado?

— Então, gente! Não hei de acreditar? Pois se "seu" bispo disse...

Foi esse o primeiro dialogo que travei logo ao chegar a Campinas, com o intuito de fazer para *O Malho* uma reportagem completa, cheia de observações pessoaes, colhidas "in-loco".

Essas mesmas declarações singelas ouvidas da bocca do velho "Ventania", um typo popular da terra de Carlos Gomes, que se me deparou logo ao sahir da estação — ouvi-as, tambem, no correr do dia, de pessoas de todas as categorias sociaes, homens e mulheres, meninas e rapazes: *Pois se "seu" bispo disse!*

O bispo de Campinas, segundo constatei, gosa de um immenso prestigio em sua terra natal. Sua illustre figura de prelado tem, nesse caso sobrenatural da missionaria estigmatisada, um papel importantisimo, pois a S. Ex. Revdma. se devem as revelações impressionantes destes ultimos dias e á sua autoridade moral e intellectual de sacerdote, como testemunha insuspeita, a segurança da authenticidade dos phenomenos observados. Assim, parece-me justo dizer ao publico alguma cousa sobre a vida de D. Francisco Barreto, de quem obtive, para *O Malho*, um retrato e um autographo.

D. Barreto era o virtuoso e estimado vigario de Santa Cruz. De uma feita, na linda cathedral, foi sagrado Bispo de Pelotas por D. João Nery, D. Antonio de Assis e D. Sebastião Leme. Permaneceu entre os gauchos por alguns annos, espalhando o bem, trabalhando efficientemente, semeando com Fé. Tudo, para maior gloria de Deus!

Com a morte de D. João Nery, santo pastor da Igreja, D. Francisco Barreto voltou á sua cidade, já então para dirigir a diocese.

Sua operosidade de 1921 para cá tem sido notavel.

Fundou e dirige varias instituições pias, creou e orienta alguns estabelecimentos de ensino, reorganisou collegios e fez edificar o predio para o Seminario; reformou a Cathedral, promoveu a construcção do Palacio Episcopal. Emfim, a actividade religiosa, o espirito de caridade, a inspirada actuação na sociedade — grangearam para Don Barreto uma situação de relevo, em que a sua fronte surge aureolada.

E a palavra desse Apostolo é ouvida e respeitada por toda a parte. Suas Pastoraes e Conferencias são obras em que a par a pureza das idéas, se nota a pureza da linguagem.

E' assim, em traços geraes, o perfil desse conde de Roma, bispo de Campinas.

Deus regit-me.

D. Francisco Barreto, Bispo de Campinas.

A FUNDAÇÃO DO INSTITUTO DAS MISSIONARIAS DE JESUS CRUCIFICADO

Incansavel no labor sacro, D. Francisco fundou ultimamente em Campinas, uma nova familia religiosa a que deu o nome de Instituto das Missionarias de Jesus Crucificado. Tem essa nova organisação campineira uma só congenere no mundo, na Hespanha. São seus fins principaes cooperar na santificação das almas, propagar a religião catholica, catechisar os ignorantes e os rebeldes, recordar o espirito de sacrificio de Jesus.

Creada aos 3 de Maio deste anno, já no convento se encontram dezoito missionarias, entre as quaes sorôr Amalia de Jesus Flagellado.

Era a "Ella", a essa a quem já se chama a "santa" que eu desejava ver, ouvir e observar.

Grupo de jornalistas, vendo-se o nosso enviado Sr. Jorge Santos, o que está de machina photographica.

Altar da capellinha do Convento das Missionarias de Jesus.

Banco da capella (xx) occupado todos os dias pela irmã Amalia.

Fachada do Convento das Missionarias de Jesus Crucificado, na cidade de Campinas.

A residencia da familia Aguirre.

O "Ventania", primeiro typo de rua que falou ao nosso enviado especial.

Senhorita Julia, irmã de sorôr Amalia, photographada de surpresa pelo "O Malho".

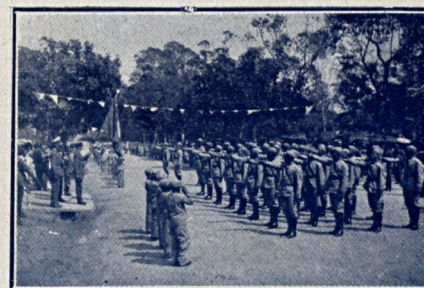
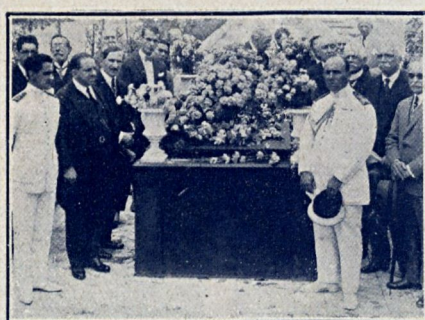
QUEM E' A IRMÃ AMALIA

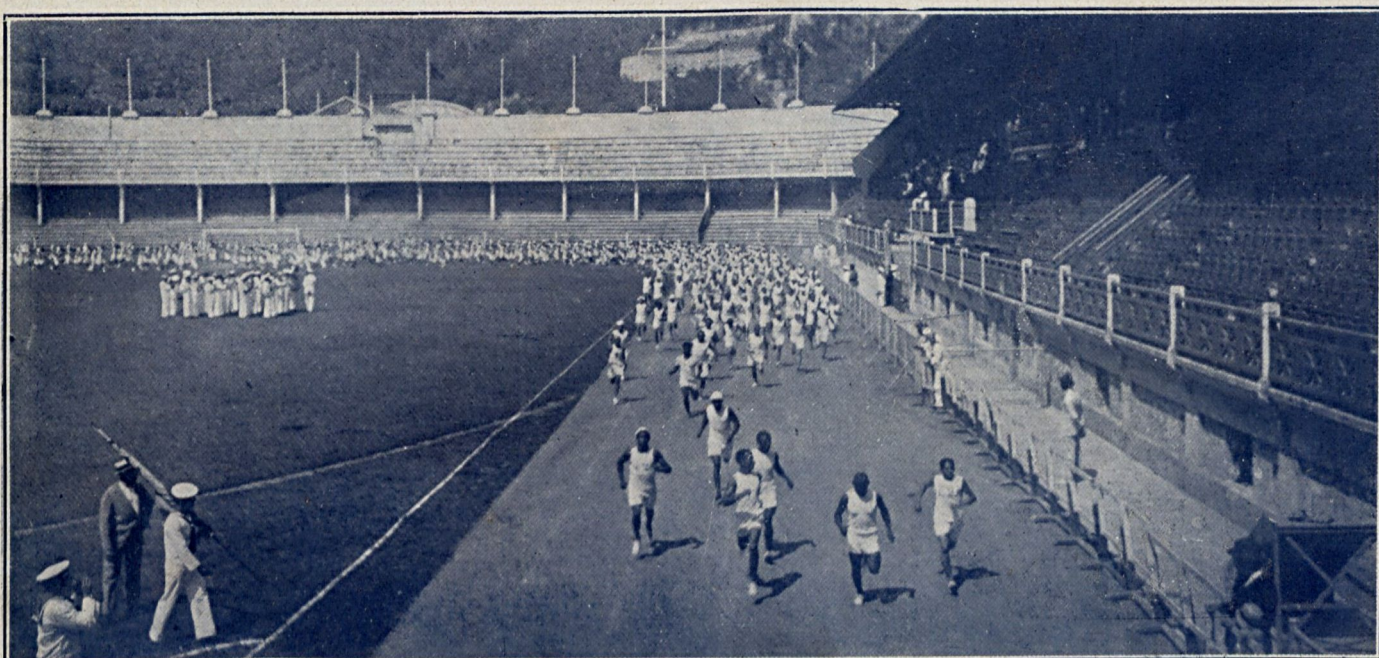
Hespanhola de nascimento, filha de paes hespanhoes, veiu para o Brasil vae para dez annos, indo residir na companhia da familia, em Campinas. Chama-se Maria Aguirre. Seu pae, André Aguirre, morreu ha dois annos em Campinas mesmo, onde trabalhava, depois de se desfazer de um açougue que possuia, em trabalhos de escriptorio.

Sorôr Amalia de Jesus Flagellado sempre revelou tendencias para a vida religiosa. Aos dez annos fez a sua primeira communhão e, só agora se soube, já por essa occasião, recebeu a primeira visita de Jesus, que lhe teria, en-

(Termina na pagina 49)

Facundo Gonzaga, cunhado da "Santa".

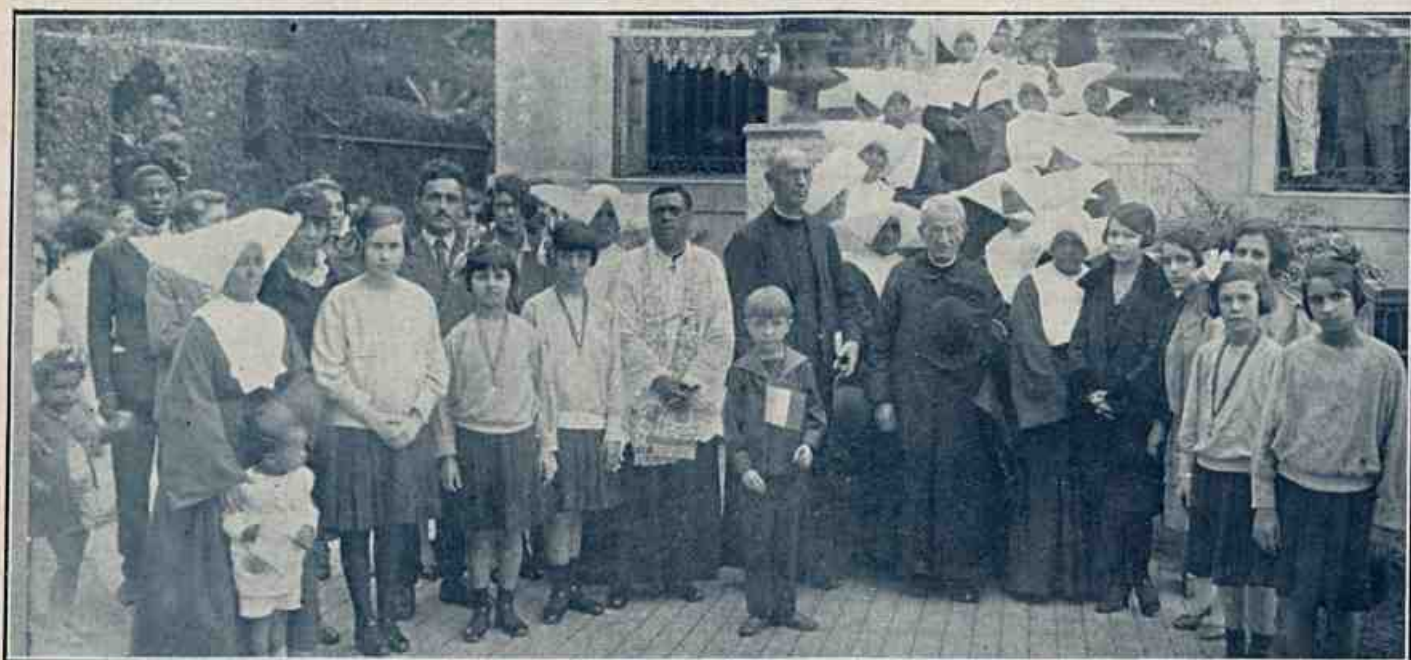
A SEMANA QUE PASSOU

Visita do Sr. Presidente da Republica á Escola 15 de Novembro — S. Ex. chegando á Escola e quando se despedia do Dr. Manoel Cicero; á direita, os alumnos prestando continencias.

Visita ao tumulo do Marechal Deodoro, no dia 15 de Novembro. — Na Sociedade Sul Rio-Grandense, por occasião das homenagens prestadas aos dignos representantes daquelle Estado nas festas de 15 de Novembro.

Aspectos do baile realisado no Club Naval em honra á officialidade dos navios de guerra estrangeiros que aqui vieram para os festejos de 15 de Novembro.

Chegada da grande corrida de 10.000 metros realisada no ia 18 do corrente pelas forças da Marinha de Guerra

CONFRATERNIDADE MILITAR

"Pic-nic" offerecido aos sargentos das Forças Estaduaes pelos sargentos da nossa Policia Militar, no dia 11 do corrente no Jardim Zoologico.

Grupo de sargentos das policias estaduaes e do Rio acompanhados de suas familias

Posse do Deputado Oscar Fontenelle na presidencia do Grupo Escoteiro Ararigiboia, em Nictheroy

Inauguração da "Escola da Immaculada Conceição", mantida pelos religiosos da "Casa de Marillac" á Estrada Velha da Tijuca n. 34

Almoço ao Deputado Mendes Antas pela sua promocção a Major do Exercito, em Nictheroy

Almoço entre socios do Assyrio e artistas festejando o Centenario da Paz Brasil-Argentina

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto. FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922: *Hors concours.*

A' venda em todas as boas casas da Capital e dos Estados.

F A B R I C A

FERREIRA SOUTO & C.

Rua Fonseca Telles, 18 a 30

RIO DE JANEIRO

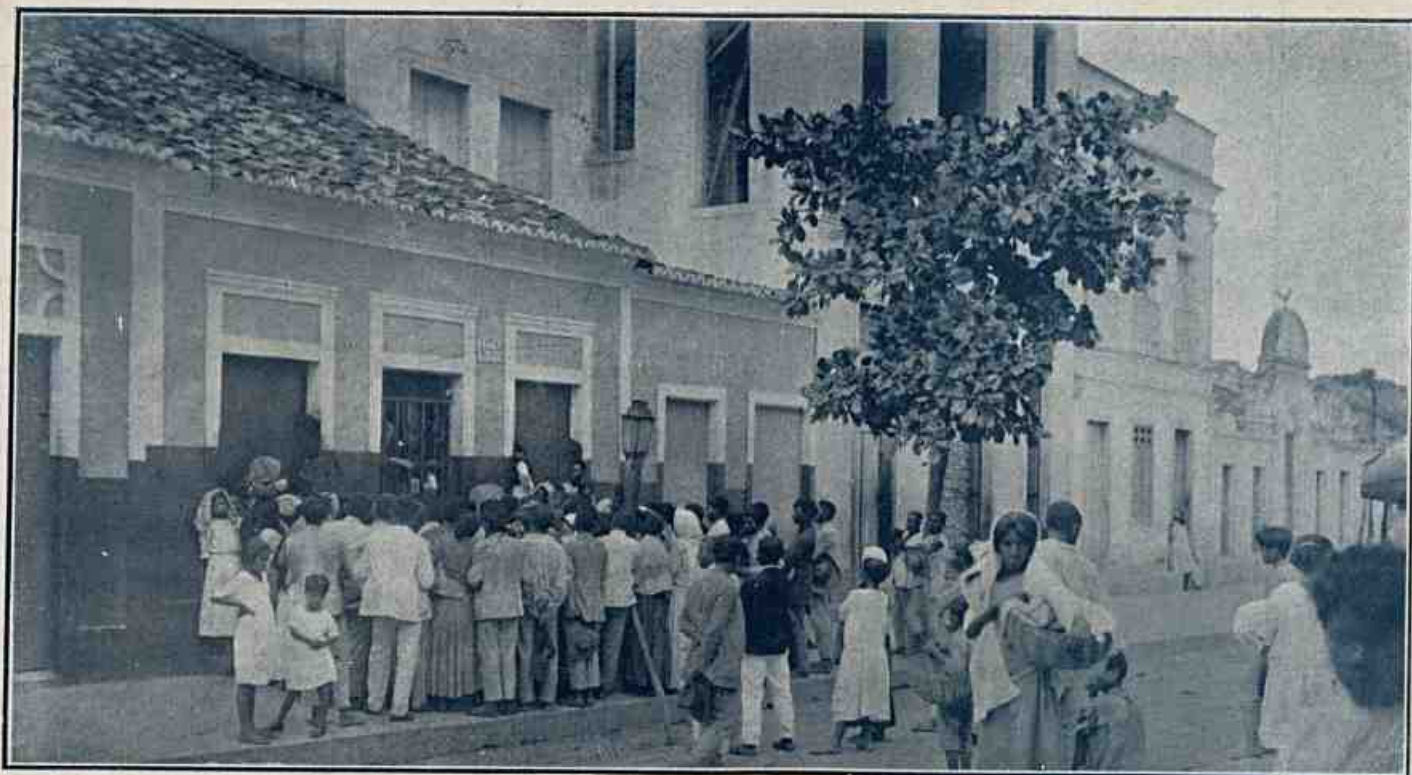
CASA HUSSON — Rua São Bento, 24-A — S. Paulo — Brasil
Junto 1$200 em sellos para me enviarem uma lata de pó de arroz FIFI ou um frasco de agua da Colonia FIFI.

NOME ....

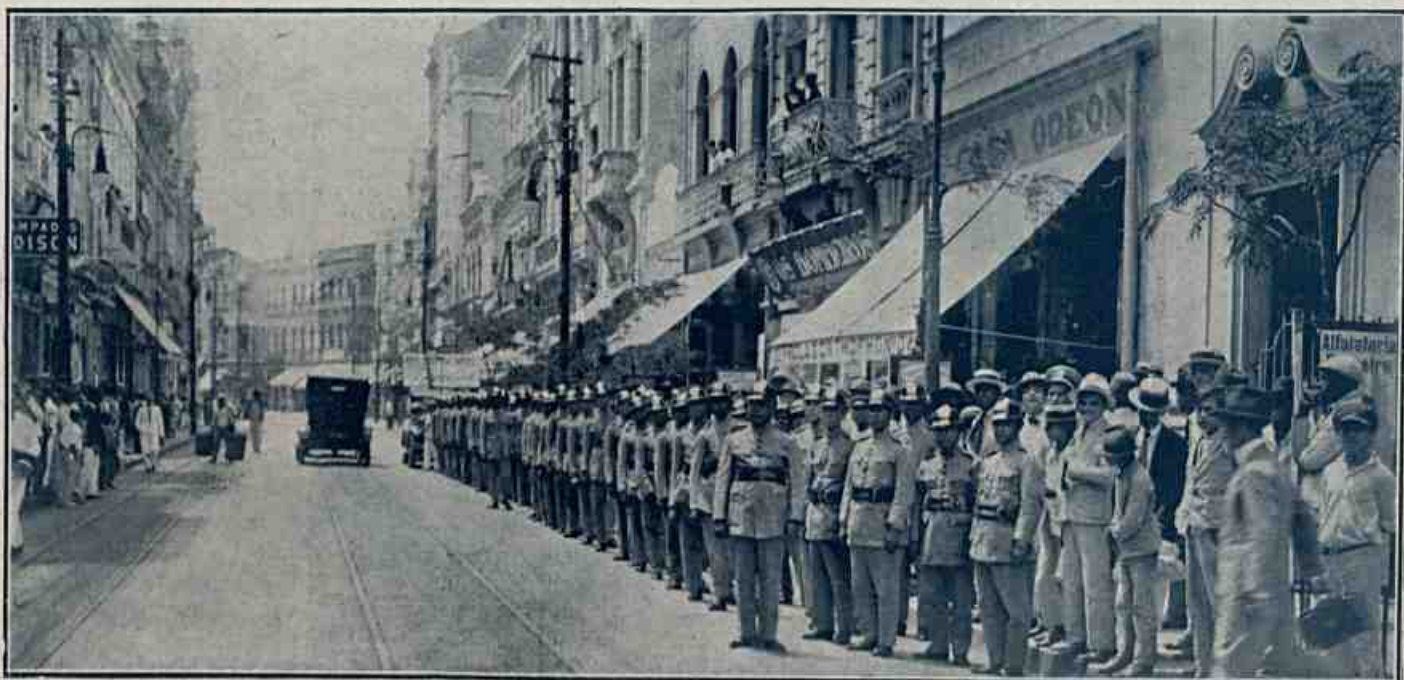
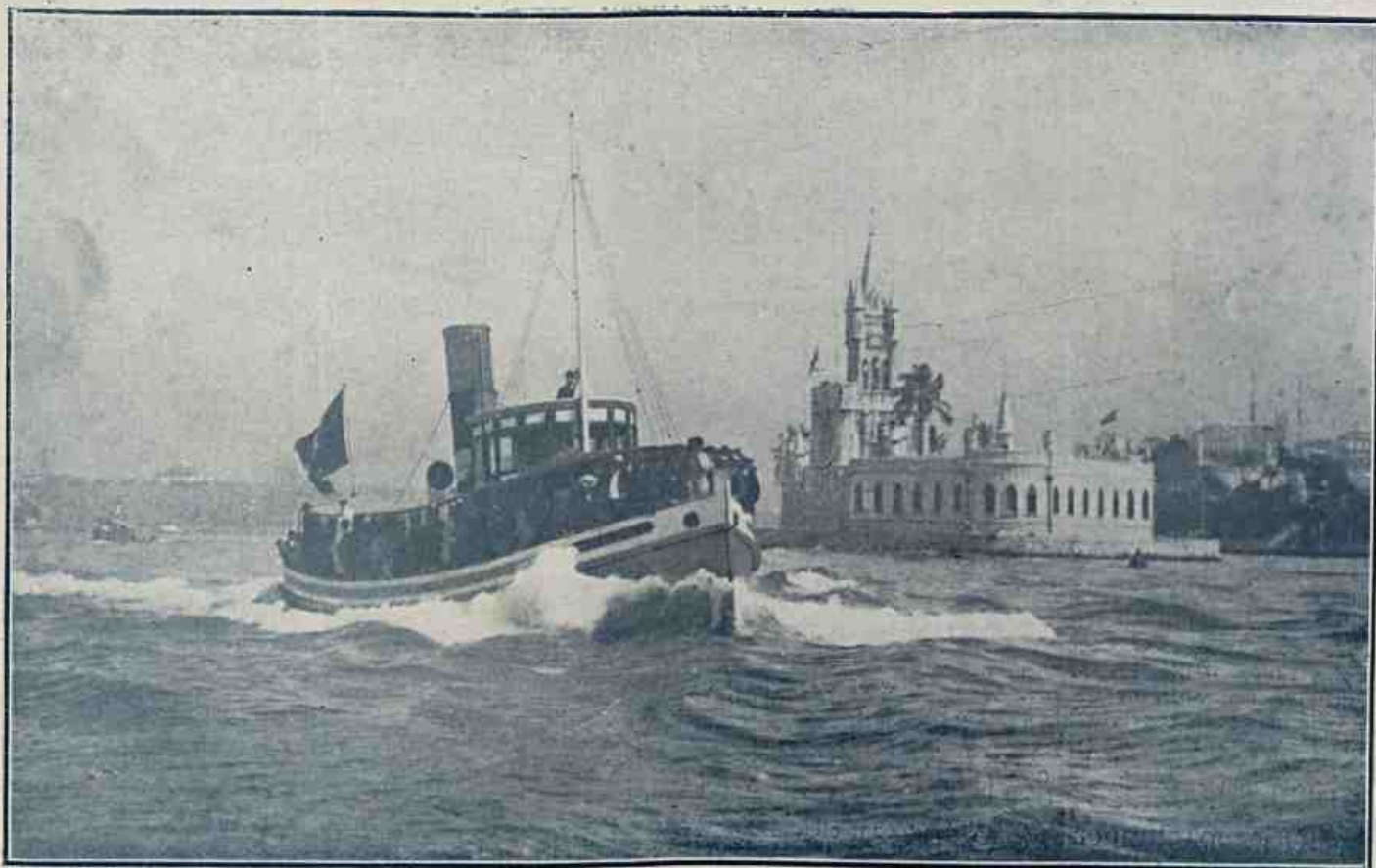
LOCALIDADE .... *Est. de* ....

Uma bibiotheca num só volume — ALMANACH D'"O MALHO"

CINEARTE-ALBUM

Sobreexcedendo-se ás proprias edições passadas, em luxo, arte e belleza. Está em preparo a de 1929.
8$000 no Rio — 9$000 nos Estados.

Residencia do Padre Cicero, Em Joazeiro, Estado do Ceará.

VARIOS ASSUMPTOS

Senhoritas da Villa de Ancora, Minho, Portugal, no Club de Ancora. Uma das senhoritas e tres das creanças presentes são brasileiras, do Estado do Pará, residentes nesta Villa.

Em Recife — O Corpo de Bombeiros formado na Rua Barão da Victoria

Na bahia de Guanabara

O RIO DE JANEIRO PITTORESCO

Um dos mais bellos aspectos do novo Rio de Janeiro

Enlace Jarbas Pereira Lemos — Laura Medeiros — Cambuçy — Estado do Rio

COMO SE PODE ABSORVER UMA CUTIS VELHA

(Da Revista "Popular Monthly")

Uma joven que se assigna "Desconsolada", nos escreve: "Experimentei de tudo para a minha pobre e horrivel cutis que é muito aspera e cheia de manchas, e nos pergunta: "Se realmente existe alguma cousa que possa remediar, efficazmente". E' sempre prejudicial para a pelle o emprego dos cremes que se vendem em frascos ou potes. O unico modo de transformar uma cutis má é substituil-a por outra. E isto se obtem com o uso da cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax"), que se póde encontrar em qualquer pharmacia e que se applica como se fosse cold-cream, todas as noites, retirando-a pela manhã com um pouco de agua morna. O tecido morto da pelle fica absorvido, permittindo assim que surja uma nova cutis rosada, louçã e formosa. O tratamento que aqui deixamos recommendado não causa inconveniente algum, pelo contrario, offerece a vantagem de não deixar transparecer sua applicação, porquanto a cutis velha se desprende imperceptivel e progressivamente.

Simplicio recebe a noticia de que antiga namorada sua ficou viuva.

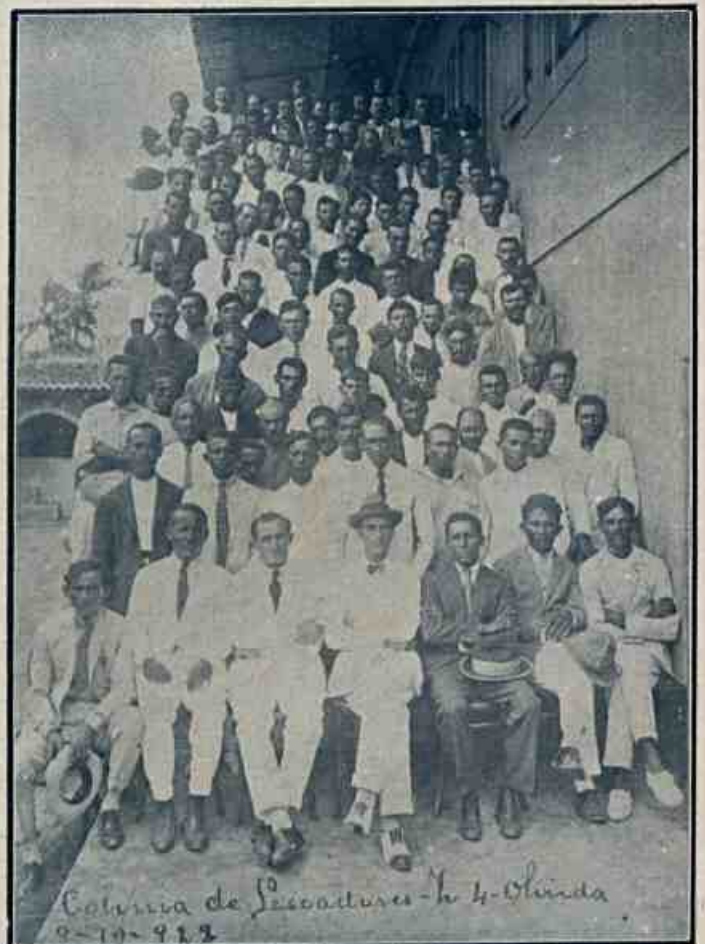
— Que sorte tive eu de não casar com ella...

— Por que

— Porque a estas horas estaria morto!

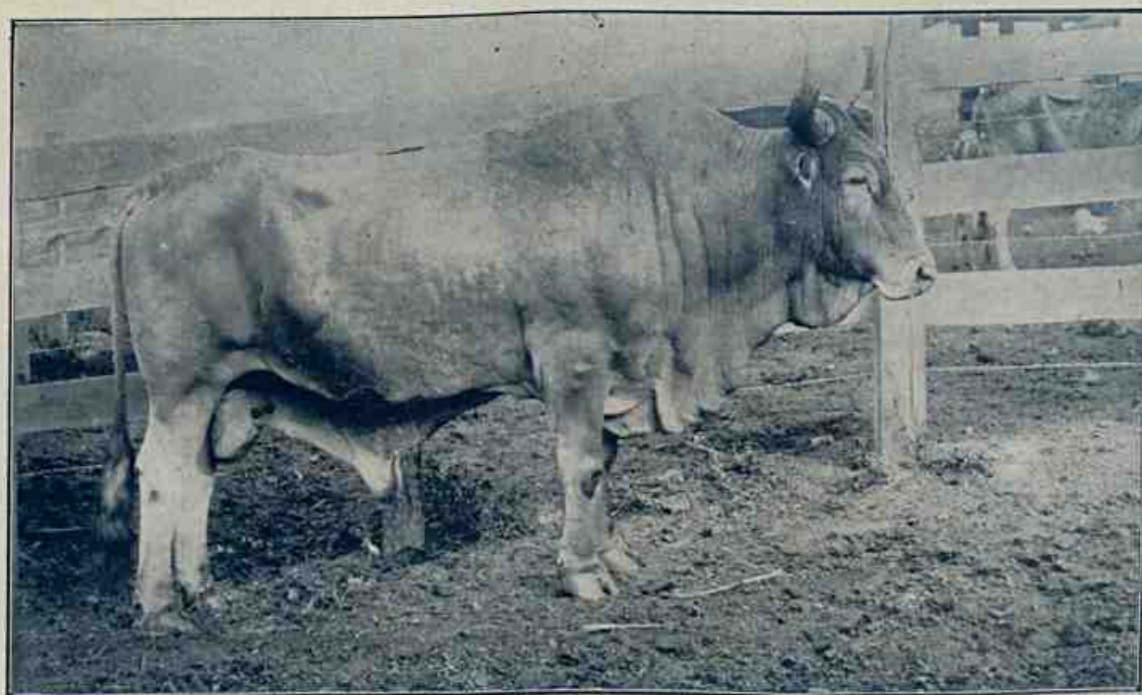
Edificio á Avenida Marquez de Olinda, na Bahia, de propriedade da Comp. Alliança da Bahia.

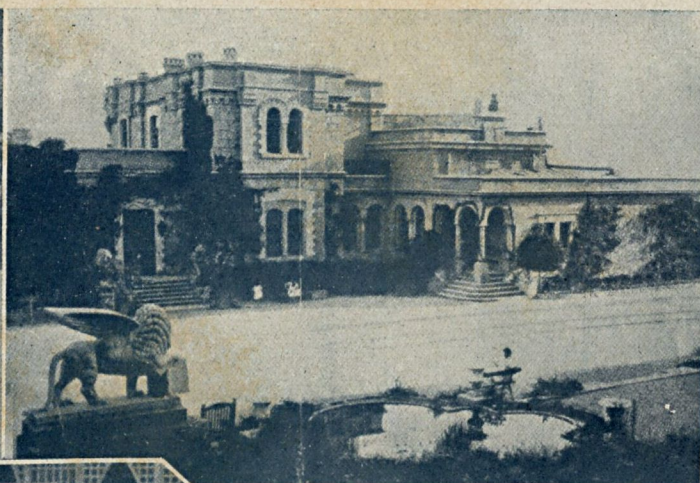
Definição de Albarda: E' o nome que se deve dar á casa de muitos.

Miniatura da capa de *Para Todos...* de hoje.

Grupo de pescadores da Colonia Z4, em Olinda

"O MALHO" NO ESPIRITO SANTO

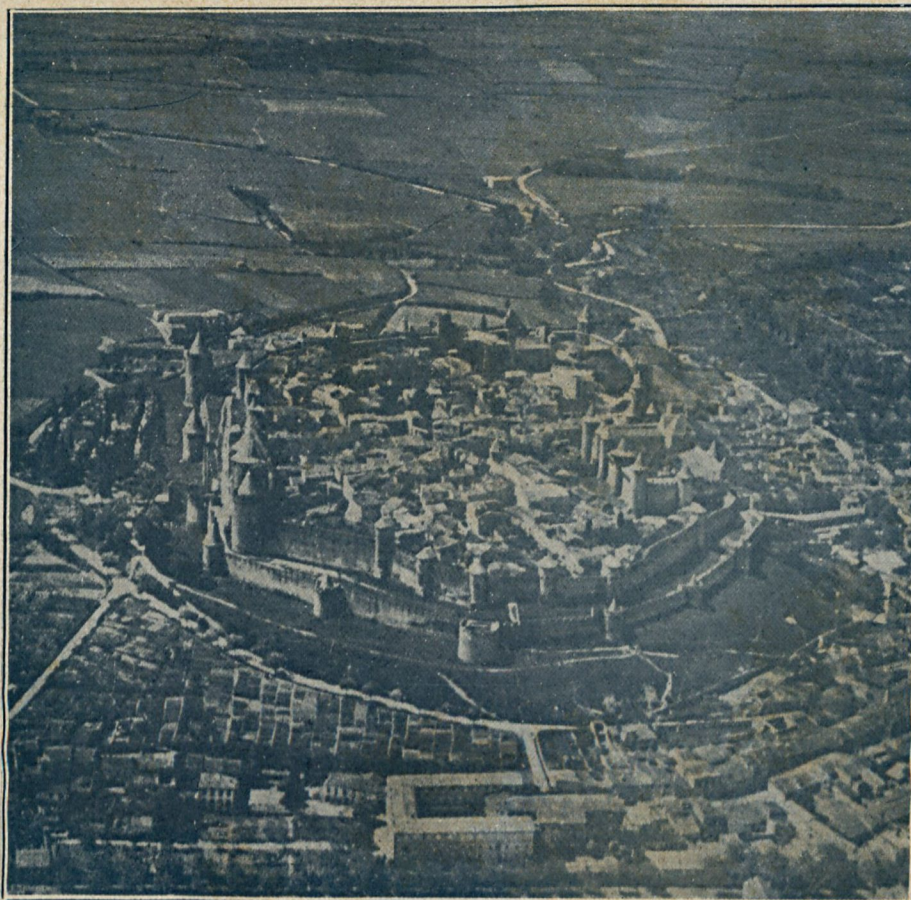
Vacca Zebú-Caracú, produzindo 15 garrafas de leite, propriedade do fazendeiro Candido Avelino Mendonça — em Veado. A' direita, o nosso assignante 2º sargento Pedro Caetano Domingues, da Força Publica do Espirito Santo, que prestou relevantes serviços á população de Veado com a captura de Antonio Silvino, o grande assassino.

O cabo Pereira do Amaral, da Força Publica do E. Santo, que muitos serviços tem prestado á população de Veado. A' direita: vacca Caracú-Hollandeza, produzindo 12 garrafas de leite, diariamente. E' de propriedade do fazendeiro Candido Avelino Mendonça, em Veado.

Touro Caracú, propriedade do fazendeiro Candido Avelino Mendonça, em Veado

Batalhão de Amazonas do Exercito Vermelho com armadura contra as mais recentes fórmas de destruição, marchando nas ruas de Moscou para tomar parte numa parada de mulheres-soldados. Grande numero de regimentos de amazonas estão sendo especialmente treinados na Russia com os mais novos apparelhos bellicos.

O Palacio Djerjens, em Koreis, que costumava ser a residencia do Principe Sumarokoff-Elston e agora é uma casa de descanso para membros do proletariado sovietico convalescente.

"O MALHO" NA RUSSIA

Creanças bolchevistas tomando banho de sol no terreno do ex-palacio imperial em Briansk, no rio Desna, onde em outros tempos o filho e as filhas do Czar assassinado brincavam.

Carcassone celebrou com festas grandiosas o seu segundo millenario. Perde-se a sua origem na noite dos tempos. Na occasião da conquista romana os Tectosagios habitavam a maior parte do territorio departamento do Aude. Depois da invasão dos Barbaros, a conquista dos Arabes, o cerco que lhe deu Carlos Martel, cahiu Carcassonne ás mãos dos condes de Barcelone, Foix e Béziers. Depois das guerras de religião do reinado de Luiz XIII em diante gozou Carcassonne de tranquillidade.

O seu duplo recinto de muralhas póde servir de modelo para estudo das praças fortificadas. São ambas protegidas por 50 torres. As fortificações foram restauradas por Viollet-le-Duc. E' nesse esplendido scenario que se desenrolaram as festas, entre as quaes a reproducção do torneio que teve lugar em 1565 no Castello de Ferrals.

A SANTA DO CONVENTO DAS MISSIONARIAS DE JESUS CRUCIFICADO

Sorôr Amalia = a estigmatisada, entra em colloquios com Jesus, Nosso Senhor

UMA REPORTAGEM COMPLETA SOBRE O CASO IMPRESSIONANTE DA RELIGIOSA DE CAMPINAS

tão, ordenado que fosse tambem como Elle victima pela conversão dos peccadores. Occultou sempre esse facto de todos quantos a rodeavam e só agora o revelou ao bispo D. Francisco.

Diz a irmã Amalia que muito antes de sentir os phenomenos da estigmatisação, o que se verificou pela primeira vez, este anno, na noite de 14 para 15 de Agosto (Assumpção de Nossa Senhora) já ella cahia constantemente em extases e entrava então em colloquios divinos, tendo visões celestes.

Sorôr Amalia é uma das religiosas fundadoras do Instituto das Missionarias, obra recente, como disse, do bispo de Campinas. Sempre demonstrou muita humildade e paciencia. Jámais em casa, entre os seus, se queixava ou se insurgia contra qualquer cousa. E' forte, sadia e sempre se alimentou bem. Tem os cabellos negros, os olhos castanhos, estatura regular e por cima do labio superior esquerdo apresenta uma gran-

(ESPECIAL PARA "O MALHO", POR *JORGE SANTOS*)

(FIM)

de cicatriz. Desde quue ingressou no convento occupava-se com os mistéres do Instituto, communga diariamente e fazia excursões pelas proximidades — a ensinar o cathecismo.

Sua educação é bastante rude. Segundo attestam aquelles que a conheciam antes do acontecimento que a tornou perante o mundo, uma creatura privilegiada, sorôr Amalia mal sabe ler e escrever. O Sr. Bispo, com quem tive a honra de falar, confirma-o.

EM VISITA ÁS MISSIONARIAS

Depois de ouvir aqui, ali e acolá as impressões do povo de Campinas sobre o estranho caso, tomei um automovel:

— Rua Dr. Quirino, 81...

E o "chauffeur", voltando-se, com um sorriso franco de quem já sabia ao que iamos:

— Para o Convento?

— Exactamente.

E em poucos minutos paravamos á porta de um casarão estylo colonial grosseiro, já muito velho. Contiguo á entrada do Convento ha um negocio de madeiras. Ainda no andar terreo do predio celebrisado em pouco tempo, funcciona um escriptorio de desenhistas, de constructores ou cousa que o valha. Em frente, á janella de uma pequenina casa, em camisa de meia, a gesticular, a proferir palavras sem nexo e a produzir sons guturaes, um tanto estranhos, um homem chamava a attenção dos passantes. Antes de penetrar no convento detive-me a observar o agitado rapaz, que era um inoffensivo imbecil. Meditei um pouco. Aquelle espectaculo impressionava muito mal. Pensei em como é surprehendente este mundo de Nosso Senhor Jesus Christo. De um lado uma "santa", do outro um retardatario caracterisado... O cretino dirigia-se a mim aos gritos e de vez em quando soltava uma gargalhada alvar. Era grotesco e inspirava piedade. Doloroso quadro, aquelle, para quem, como eu, já ia, sondar, dominado por certa emoção, um ambiente claustral e mystico.

Emfim, dei as costas ao louco e subi as escadas do pequeno Convento. Nada de meditações nem de prostrações! O jornalismo tudo empolga. Que vim eu fazer aqui? Uma reportagem. Pois então, mãos á obra.

Galguei lentamente quatro ou cinco degráos. Sem querer, eu estava circumspecto e tomava uma attitude grave e respeitosa. Haveria de tudo fazer para vel-a. A "Santa" não me sahia da imaginação. E eu pensava: Ali perto de mim, sob aquelle mesmo tecto, talvez atraz da parede grossa que separava o vestibulo da capellinha das missionarias, a menos de um metro, talvez ali estivesse sorôr Amalia de Jesus Flagellado, em extase, falando com os anjos, recebendo a bençam dos Céos e ouvindo o Todo Poderoso. Meu coração batia descompassado, meu peito arfava, como outr'ora no collegio de jesuitas quando fui chamado á presença do Padre Reitor, na vespera da minha primeira communhão. Vi-me transportado á meninice. Já a porta se abrira e já uma inferiora annunciara a

minha presença á madre superiosa. Um silencio que fazia medo, porque fazia recordar os bons tempos. Aquelle cheiro de incenso embriagava-me. Havia mysticismo em torno de mim.

— Boa tarde, disse-me a madre superiora, approximando-se suavemente, com um sorriso humilde ao canto da bocca. A freira parecia mais uma imagem a mexer-se. Pallida, magra, a pelle lustrosa, os olhos voltados para o chão, estava constrangida. A presença de um homem, um estranho, um jornalista, com certeza pensava ella, um grande peccador, intimidava-a.

Vencendo o meu embaraço, procurei, vencido pelo ambiente, emprestar um pouco de doçura á minha voz e ao meu gesto:

— Se a madre permittisse, desejaria falar á irmã Amalia.

Ella sorriu um sorriso mais largo e muito baixinho, com o indicador a illustrar a resposta, balbuciou:

— Não é possivel. A santa está invisivel. Só com ordem de D. Barreto.

— Ao menos vel-a, tirar-lhe um retrato.

O dedo da madre continuava a indicar que não, com a regularidade e o rythmo de um pendulo.

— E photographias de aspectos internos desse convento, a capella, o refeitorio, o banco onde "Ella" se ajoelha, a clausura, posso fazer? — insisti com voz tremula.

O pendulo continuava:

— Nada. Não. Só se D. Barreto autorisar...

— E diga-me, madre superiosa, a senhora que parece tão boa, como vive "Ella", como reza, como e quando cáe em prostração, e como lhe vêm os estigmas? E' mesmo verdade? A senhora, madre superiosa, já viu? Conte-me. E a familia d'"Ella"? Onde mora?

E mentindo, accrescentei: eu lhe prometto... não digo nada a ninguem.

A religiosa, com o seu habito azul-claro muito longo, tendo á cabeça um véo branco, envolto no mesmo tecido da roupagem:

— Nada lhe posso informar. Só mesmo o bispo.

Apezar da irreductibilidade da freira, deante da sua suavidade, não me exasperei.

Despedi-me. Ainda do topo da escada dei uma olhadella para traz a ver se lobrigava num canto ou a passar por acaso no corredor, a irmã Amalia. Depois, dentro já do vehiculo, pensei: e se se repetisse o episodio biblico e para castigo da minha curiosidade eu virasse estatua de sal?

— "Chauffeur", leva-me á rua Senador Saraiva, 45...

— A' casa da familia da "santa"? — retrucou elle, orgulhoso de mostrar os conhecimentos.

— Exactamente...

O raio do homem sabia tudo.

O carro parou. Saltei. Bati num portão de ferro. Fizeram-me entrar. Lá dentro já se encontravam dois jornalistas meus conhecidos. Fiz o meu photographo, que eu por precaução não fizera entrar na casa das missionarias, subir desta vez commigo.

— Boa tarde.

E todos corresponderam á minha saudação.

Estavam de pé as visitas e os habitantes da pequenina casa de moradia da familia Aguirre. Reconheci no compartimento, a sala de jantar daquella gente modesta. Passei os olhos pelas paredes. Umas gravuras desinteressantes, uma imagem do Coração de Jesus e entre esta de um lado, em imitação de esmalte, o retrato colorido de um homem de vastos bigodes, sobrancelhas espessas, e do outro — uma mulher, com bastos cabellos pretos, um dos olhos semi-cerrado. O cavalheiro de duro aspecto era o pae. A senhora com a vista defeituosa não podia deixar de ser a mãe da santa. Ella, aliás, ali estava em carne e osso, encostada á porta que dá accesso para a cosinha. Reconheci-a logo.

Na sala, viam-se ainda uma rapariga muito magra, com um pescoço longo cheio de veias salientes, com as articulações a espetarem a pelle; uma moçoila, sympathica, fresca como uma alface, com olhos grandes e bonitos e uma quarentona que, pelos traços, presumi ser a tia da santa.

Não consegui arrancar uma palavra daquella gente.

"Só D. Barreto", só "D. Francisco". "Nós não falamos". "Não sabemos nada". "Não estamos autorisados, nem estamos á altura". "Retire-se, por favor". "Não nos deixaremos photographar". "Se insistir tomaremos outras providencias". Um vendedor ambulante que se encontrava entre nós, deante da resistencia da familia Aguirre, assustou-se e escafedeu-se.

Foram inuteis todos os esforços.

— Mas, afinal, senhorita, disse eu voltando-me para a irmã mais nova de sorôr Amalia, por que não me fala um pouco sobre a infancia de sua mana, de seus habitos, de suas preferencias, de sua vida, emfim, em casa?

— Isso é com D. Barreto. Nossa irmã não nos pertence. Nada posso dizer. Por favor, retire-se...

— E seu pae?

— Meu pae morreu e chamava-se André. Minha mãe é aquella! Apontou para a matrona que estava em frente. Seu nome é Emerita.

— De onde são?

— Da cidade de Rios, na fronteira da Hespanha com Portugal.

Nesse interim o photographo que me acompanhava, conseguiu, ás escondidas, usando de um estratagema, bater uma chapa da senhorita Julia, minha interlocutora e irmã de sorôr Amalia.

Julia é noiva de um joven chamado Antonio Bianchi, empregado no mercado da cidade. A outra sua irmã ali presente chama-se Conception e é casada com Facundo Gonzaga, hespanhol tambem e pharmaceutico em uma associção beneficente dos empregados da Mogyana.

Facundo Gonzaga, a quem procurei, foi mais amavel. Contou-me que casara havia tres annos. Morava com a sogra.

Perguntei-lhe se se recordava de ter assistido a uma scena qualquer em sua residencia e que se relacionasse com os phenomenos de stygmatisação agora verificados em sua cunhada. Informou-me que não. Notara sempre que a moça tinha um temperamento retrahido, não procurava senão as igrejas e de preferencia encerrava-se no quarto. Sorôr Amalia sempre teve quêda para a vida monastica, distrahia-se ensinando cathecismo ás creanças, até que se recolheu ao claustro em Maio deste anno. Era bondosa, humilde e paciente.

Satisfeito com as informações, sahi e entrando no auto, mandei tocar para a casa do Bispo.

NO PALACIO EPISCOPAL

— Meu irmão não está. E acho muito arriscado esperal-o pois penso que elle não receberá ninguem.

— Mas, minha senhora, eu vim de tão longe para falar a S. Ex. Revdma. que ser a muito desagradavel não poder ouvil-o.

De mim para mim eu dizia: afinal vir a Roma e não vêr o Papa é horrivel!

— Em todo o caso, espere um pouco, continuou a distincta e bondosa irmã do sr. bispo de Campinas.

Um auto estaca á porta do vestibulo. O bispo e seu secretario baixaram. S. Ex. passa deante de mim sem voltar a cabeça

e vae resmungando aos ouvidos da que fizéra as honras da casa:

— Já disse que não attendo, não attendo, não attenderei...

A pobre senhora voltava desolada a annunciar-nos a resolução. Suppliquei-lhe que voltasse á presença de D. Barreto, que insistisse...

A gentil dama accedeu e, ó milagre do Céo, venceu D. Francisco. Subi ao salão do palacio, sobriamente mobiliado.

Ao centro da parede, sobre um estrado, a cadeira episcopal. A um canto da sala, o retrato de Sua Santidade, com flores a guarnecel-o. No extremo opposto, um quadro reproduzindo o busto do illustre prelado de Campinas.

S. Ex. revdma. estendeu-nos a mão. Confesso que estava embaraçado, não sabia como começar. Afinal, d sembuchei. E o bispo, sem se sentar, assim falou:

— Póde assegurar que o caso é real. Assisti diversas vezes ás manifestações de que foi accommettida sorôr Amalia. De uma feita, estava a pregar, na capella quando fui interrompido pela superiora, que me levou á presença da irmã. Vi o sangue jorrar das mãos da religiosa, abrindo-se as feridas aos meus olhos. Era a reproducção fiel dos estigmas de Nosso Senhor. No verso e na palma das mãos formavam-se chagas de dois centimetros. Irmã Amalia nesses momentos, principalmente antes de estigmatisada, soffre dores cruciantes. Não se trata absolutamente de um caso clinico, como o attestam os medicos que fiz vir á cabeceira da religiosa. O dr. Falcão de Miranda foi um delles. A estigmatisada, continuou D. Barreto, em tom grave, ligeiramente repassado de uma doçura captivante, não é uma hysterica.

Para se affirmar o hysterismo de uma pessoa deve ella ser conhecida e examinada. Deve se estudar os precedentes, a compleição e o caracter.

A hysterica tem seus signaes: gosta de apparecer ,de grandezas, de mimos, não admitte reprehensões, é voluntariosa, simula.

Ora, isso não se verificou com a Irmã Amalia, que durante dezesete annos procurou esconder da sua propria familia e de seus confessores as graças extraordinarias que vinha recebendo no intimo de sua fé.

Sómente em Agosto deste anno, aos vinte e sete annos de idade e já na vida monastica, longe do bulicio do mundo, foi que o seu caso se revelou sem que ella mesma esperasse isto, visto como esses factos agora externos vêm e desapparecem para tornarem a se manifestar sem suggestão alguma e independente da vontade da mesma, conforme documentação em meu poder.

Quando sorôr Amalia cahe em extases, a que tenho assistido, fala com uma clarividencia impressionante sobre pontos de doutrina. No entanto, ella mal sabe lêr e escrever. Tenho registrado em cadernos especiaes todos os colloquios da irmã com Nosso Senhor. Ella está controlada por mim e pelas superioras do Instituto. E' obediente á vontade das dirigentes, não tem caprichos, é affavel e alegre com as companheiras.

Não póde simular, não simula porque tem uma consciencia limpida e bem orientada, além do que, differentemente das hystericas, acceita todas as dôres que lhe vêm por occasião do apparecimento dos estygmas e especialmente quando entra a padecer os passos da paixão de Jesus. Ora, as hystericas querem gosar e não soffrer. Interrogada uma vez sobre se simulava, ella respondeu:

— Simular por que? Por que haveria eu de procurar uma cousa que me faz soffrer tanto?

E o bispo accrescentou: essa simulação é impossivel, affirmo-o, pelo conhecimento que se tem da irmã como pela vigilancia a que está sujeita. Sobre o que sorôr Amalia doutrina, quando em colloquio com Jesus, disse-nos o prelado: — Realmente mais notavel que os estygmas são essas manifestações da irmã quando em extase. Ella mostra conversar com alguem que para ella, como para os que assistem á scena, deve ser Jesus. O que ella diz, está muito acima de seus conhecimentos.

E porque se duvidar de que os céos se lembrassem do Brasil.

— Já communicou o facto á Santa Sé?

— Não. Fal-o-ei em breve. Tudo tem seu tempo. O sr. Nuncio Apostolico, no entanto, já está ao par de tudo. Ha dois mezes que o puz ao corrente.

D. Francisco pediu-nos licença e sahiu do salão para voltar trazendo dois lenços de morim manchados de sangue e que S. Ex. revdma. affirma ser proveniente das chagas de sorôr Amalia de Jesus Flagellado.

— Não será facilitada a visitação á santa, seu bispo?

— Tudo, como lhe disse tem seu tempo. Esse dia virá para o prazer dos crentes e para espanto dos homens de pouca Fé.

Foi assim que me falou o virtuoso prelado de Campinas.

Com suas palavras, de autoridade indiscutivel, estará desfeita qualquer duvida que paire no espirito da humanidade.

Definindo, demarcando e restaurando as fronteiras do Brasil

(FIM)

Mangabeira torna o Itamaraty cada vez mais prestigiado no concerto das nações sul-americanas e fortalece os elos de amizade que nos ligam a todos os vizinhos. A paz duradoira que S. Ex. conquista assim para a Patria ha de fazer com que o seu nome possa tambem, como o de Rio Branco, entrar para o coração dos Brasileiros.

VIEIRA BRASIL (São Paulo) — Grato pela sympathia ras correcções na collocação dos pronomes, será publicado, pois não está tão mal feito como pensa.

ANTONIO JOSE' DE LIMA (Formiga — Minas) O "Brinde de Honra" não precisou de correcção alguma. Está na conta...

JOSE' DANTAS DE SOUZA (Cachoeira — Maceió) — Tanto a *Serenata* como o *Urubú* não precisam ter correcção, pois a graça está em publical-os assim mesmo como estão.

Por falta de espaço vae sómente aqui o *Urubú* que parece filiado á escola futurista.

Aqui vae elle:

"Da porta da cozinha eu olhava
Attentamente a intenção dum Urubu',
Que voando de uma palmeira onde estava
No meu quintal *pozou* de peito nú.

O cujo vendo-me de bruços sobre a porta
Andando lentamente continuou a me olhar
Eu quieto fiz que não o vi na horta
Somente para ver o que foi que elle veio buscar.

O abutre vendo que eu não o *empédia*
De conduzir o que viera buscar
Tratou logo de levar o que pretendia

Um pintainho que estava morto no quintal,
Mas um *invído* vendo o que tambem queria
Desceu, e do petisco foi provar.

(Fim)

O Autor
José Dantas de Souza".

Pena é que o urubú, em vez de vir buscar o pintainho, não tivesse carregado o poeta que estava mesmo em posição de ser levado... pelos ares no bico de um urubú malandro, como o que elle viu de "peito nú" *posado* no seu quintal. E olhe que não devia ser um petisco tão mesquinho como o pinto podre...

J. S. PRIMO (S. Paulo) — Recebida a photographia e os trabalhos que foram aproveitados, menos o Auto-retrato por estar fraco e as piadas por serem conhecidissimas. Mande cousas novas naquelle genero.

E. ARTAGO (Bahia) — O soneto que enviou está, realmente, fraquinho, porém, para o não desanimar, será publicado. Agora um conselho: abandone essa mania de fazer sonetos que dão somno. Faça quadras, simples trovas em versos correntios de sete syllabas. Cuidado com os pronomes...

VESPASIANO JUNIOR (Muriahé) — O senhor achou de fazer seu "primeiro ensaio poetico", como diz, logo com uma cousa difficil: um soneto. O resultado foi máo.

Os decassyllabos têm suas tonicas que é preciso observar, do contrario aquillo não é verso nem é nada... O primeiro quarteto de seu *Pombo* está com as tonicas nos logares embora com rimas pobres e o ultimo verso com um hiato que torna frouxo:

"Que *existiu lá á* beira do caminho"

O segundo quarteto começa logo por um verso em que não foram observadas as tonicas na 2ª ou 3ª ou 4ª e 6ª syllabas, porque na 10ª é obrigatoria. Veja lá:

Vôa pelo espaço continuamente"
. . . .
"E ruflando as azas seguidamente
Vae pousando de telhado em telhado".

Assim como estes estão ainda os dois primeiros do primeiro terceto e o primero do segundo terceto só tem nove syllabas:

"Assim, minh'alma saudosa a arfar".

Como vê, está cheio de senões o seu *Pombo* que com tantos "pés quebrados" não pod'a voar, como o amigo queria, entre os *plumitivos* aqui d'*O Malho*.

ANTONIO CARLOS (Santa Cruz) — Si a sua *Prece* chegou

O Malho

aos meus ouvidos por intermedio dos correios certamente lhe disse qualquer cousa a respeito, pois não deixo carta alguma sem resposta. Si ella estava como os tres trabalhos que mandou agora, certamente não foi para a guilhotina que se vê no alto desta secção, e será publicada em tempo como o serão o "Pedido", "Beijar" e "Palhaço", embora neste fosse substituida pela palavra "entretanto" um "porém" que vinha logo em seguida a um "mas"...

FRANCISCO FERNANDES CEZAR LEITE (Minas) — Como não é possivel publicar de uma vez os quatro sonetos que nos mandou, ficamos na duvida qual delles escolheriamos para dar á luz (salvo seja) da publicidade. Resolvemos então tirar á sorte que se decidiu pelo intitulado: *Deserto*.

Os leitores dêem por lidos os outros tres no mesmo estylo do que aqui vae na integra:

"De accordo com as leis do nosso Estado
(Muito embora seja tudo dito em vão)
Salvo caso sempre raro ou sophismado,
A quem mata cabe a mór condemnação.

Mas querendo-se um punhal bem aguçado,
Um revolver, pistolete ou bacamarte,
Para uso nesta terra tolerado,
Eil-os todos por ahi, em toda parte!

Resultado: — matadores aos milhões!
E ufanos nos seus *postos*, são de sorte:
Têm amigos, habeas corpus, prescripções...

Disse Christo com pausada e sabia vóz:
"Si a arvore dá mau fruto, que se córte"
Mas pregando no deserto como nós".

Quanto ao pedido de lhe remetter o exemplar d'*O Malho* em que forem publicados seus sonetos isso é mais difficil, porque é bem provavel que nos esqueçamos.

O melhor é o poeta recommendar na barbearia mais proxima que lhe mostrem o citado exemplar, pois não ha uma barbearia que se preze e que não assigne ou compre avulsamente *O Malho* para divertir seus freguezes, pelo menos com os poetas como o F. F. Cezar Leite.

CAMBUHY PITANGA JUNIOR

A EXPOSIÇÃO DO BRASIL KENNEL CLUB

Raça Boston Terrier — Primeiro premio, "Jerry", do Dr. J. A. Barros.

Raça São Bernardo — Primeiro premio, "Barbele von Helenenburg", do Sr. conde Modesto Leal.

Raça Barzoi — Primeiro premio "Slug", do Sr. Francisco de Paula Costa.

Raça Smooth Haired Fox Terrier— Primeiro premio, "Poty", do Sr. Solon de Camargo; primeiro premio, cadella "Miss", da Sra. Gabriella Maia.

Raça Griffon Brabançon — Primeiro premio, "Sezette", da Sra. Maria Pinheiro.

Raça Dacshund — Primeiro premio, "Lumpi", do Sr. Gunther Schwedersky.

Raça Griffon Havanais — Primeiro premio, "Duque", do Sr. Alfredo Carneiro.

Raça Pekinez — Primeiro premio, "Boneca", da Sra. Dr. Peixoto de Castro.

Raça Pointer inglez — Primeiro premio, "Heracles do Olympos", do Kennel Olympos; primeiro premio, cadella "Inka" do Olympos, do Kennel Olympos; primeiro premio (classe junior) "Sheick", do tenente Hermenegildo Carneiro.

Raça Pomerania — Primeiro premio (branco) "Joli", do Sr. Luiz de Freitas; primeiro premio (creme), "Gip", do Dr. Ferreira Braga.

Raça Loulou Spitz — Primeiro premio, "Pompon", da Sra. Edna Dessberg.

Raça Toy Terrier Black and Tan — Grande premio, "Ninette", da Sra. Thereza de Araujo; primeiro premio, "Garota", da Sra. Thereza de Araujo; grande premio, "Tibiffe", da Sra. Francisca Leopoldina Gomes; primeiro premio, "Qui-Qui", de Mrs. Nye; primeiro premio (classe junior) "Coby", da Sra. Francisca Leopoldina Gomes; menção honrosa, "Tonny", do major Ernesto Pereira Guimarães.

(FIM)

Raça Groenendael — Primeiro premio, "Wotan", do Dr. Ferreira Braga.

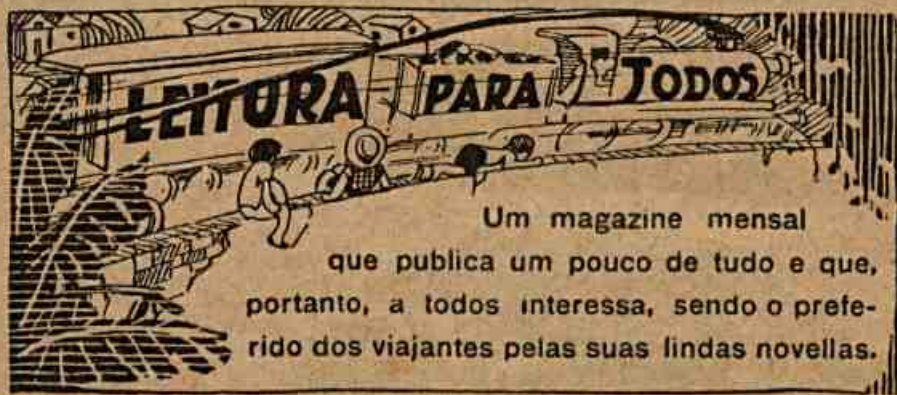
Raça Deutsche Boxer — Primeiro premio, "Goldy", do Sr. Walter Halifax; primeiro premio, cadella "Murphy", do Sr. Walter Halifax; segundo premio, "Daisy", do Sr. Walter Halifax.

Raça Deutsche Schaferhund — Grande premio, "Claus von der Badehausallee, J. M. da Costa Pereira; primeiro premio, "Harras von der Buhlerheke, do Sr. Antonio José de Azevedo; segundo premio, "Tuelff", do Dr. Maximo de Almeida Barreto; terceiro premio, "Dick von Mooswiese, do tenente José da Mello Mattos; quarto premio, "Pelota", do Sr. Alberto Cassiano Assis; primeiro premio (classe junior), "Duque", do Sr. Antonio Luiz Salgueiro; primeiro pramio, cadella "Darling", do Sr. Alvaro Mesquita Bastos; segundo premio, "Frigga von Tollenretal", do Sr. Antonio José de Azevedo; t;erceiro premio, "Susy", do Sr. Hans Bistritschan; menção honrosa (classe junior), "Kate", do Sr. Juventino Bruce.

Raça Dobermannpinscher — Primeiro premio, "Bosko" Cabeça de Bugre", do Sr. Gabriel Guimarães Menezes; primeiro premio, cadella "Blanka Cabeça de Bugre", do Sr. Gabriel Guimarães Menezes; primeiro premio (classe junior), "Principe", do Sr. Antonio Duarte Moreira.

Raça Collie — Grande premio (Hors concours), "Chiffon", da Sra. Zelia Leite Nepomuceno Costa; primeiro premio, "Bobby", do Sr. Romeu Miranda Silva; segundo premio, "Jack", da Sra. Antoninha F. Guimarães; menção honrosa, "Maylord", do Dr. Lourival Fontes; primeiro premio, cadella "Pueppchen, da Sra. Zelia Leite Nepomuceno Costa; segundo premio, "Nerina", do Sr. Julio Nicolas.

* * *

O Brasil Kennel Club conseguiu, com essa festa, mais um lindo triumpho. Triumpho justificado e merecido porque é preciso muita força de vontade e muita abnegação para realisar um emprehendimento como esse nascido e desenvolvido dos proprios esforços de cada um dos que o levam de vencida.

"O ESTADO DE SÃO PAULO"

No proximo numero iniciará *"O Malho"* uma série de publicações illustradas referentes ao grande diario brasileiro *"O Estado de S. Paulo"*, o qual representa não só para a nossa imprensa como para o paiz, uma das maiores organizações de trabalho que possuimos.

Lidimo expoente do que a iniciativa privada tem conseguido na feracissima terra do café, não seria comprehensivel que o principal jornal do maior centro industrial não só do Brasil, como de toda America do Sul, não estivesse apparelhado de tudo quanto de mais moderno possue o jornalismo actualmente.

Dest'arte, com o prestigio que lhe advem de sua inflexivel conducta moral e a autoridade de mais de meio seculo de existencia, na qual tem se batido por todas as grandes questões nacionaes, "O Estado", como é conhecido de norte a sul do paiz, representa para a nacionalidade, um desses patrimonios inalteraveis, uma dessas instituições capazes de orgulhar o povo que tiver contribuido para a sua prosperidade.

Melhor, porém, do que as nossas palavras, as paginas que vamos dedicar ao valoroso orgão, poderão attestar o que é na realidade o formidavel conjuncto de machinas e a admiravel installação d'"O Estado de S. Paulo", que creando na imprensa diaria do Brasil a rotogravura, provou ser uma das mais poderosas industrias que a capacidade brasileira conseguiu, até o presente, fazer funccionar.

O professor Miguel Couto acaba de ser constrangido a não abandonar a cathedra... Ahi está um movimento de opinião interessante: um homem que se diz cançado de ensinar, compellido a proseguir mesmo assim o seu apostolado! Será isto justo? Não nos parece nem mesmo humano. Entretanto é patriotico. Sim, o Brasil precisa de muitos Miguel Couto no seu futuro. E quem melhor os poderá formar que o douto mestre que elle ainda hoje o é, mesmo cançado?...

6º TORNEIO DE 1928 — NOVEMBRO E DEZEMBRO

PREMIOS 1 obra literaria a cada um dos vencedores de 1º e 2º logares e ao que fizer metade dos pontos liquidos obtidos pelo decifrador que, no torneio, figurar na frente da lista geral, ou que fique proximo dessa metade.

CHARADAS NOVISSIMAS 91 a 103

1—1—*Paixão* tambem se cura esfregan-se em certa *"parte carnuda"* um pouco de *cabello*.

Bartholomeu José Apomplo (Camamu', Bahia).

1—2—A *regra* desta *secção* foi feita pelo *"Serra"*.

Butua Camenas (Conceição do Serro)

1—1—Que *direito* tem *tua* confreira de dizer que venceu o *torneio?*

Carioca Desterrado (Victoria, Espirito Santo).

2—1—*Dá-se* por offendido pelo *sentimento* de ter estragado o *"panno breado de cobrir o pé do mastro"*.

Clara Déa (Bahia)

1—2—O *valor* da luta é saber *apertar* o adversario sem o corpo *arquear*.

Conde Guy de Jarnac (Do B. dos Fidalgos — Santos).

2—2—*Enxuga* bem *"as pontas da roda"*, senão levas tremenda *descompostura*.

Diana (Do B. dos Fidalgos — Santos)

1—1—Para se pagar bom *preço* por uma *"pedra"* preciosa e preciso muito *tino*.

Frei Paulino (Carangola — Minas)

1—2—Trago sempre o *"homem"* e a *"ave"* nos meus pés.

Ivanoé A. Netto (Parahyba do Norte)

1—1—1—Teria *graça* vêr-se um homem, por uma *"causa"* qualquer, mettido n'alguma *embrulhada*.

Jasbar (Indayá — Minas)

1—2—*Por bom preço* comprei um *"jogo" agradavel*.

Josim Amil (Recife)

2—2—Ella renunciou ao *"titulo"* e a uma *vida* faustosa, que lhe sorria, para entrar humildemente num *convento*.

Lakmée (Do B. dos Fidalgos — Santos)

2—2—Na *"cidade"* do paiz, quando havia *mercado* vendiam tudo: objecto, fruta e *"planta"*.

Marquez de Raiúga (Da A. C. L. B.)

2—2—*Vive* feliz, *despretenciosa* e *francamente*.

Miravaldo (Do B. dos Fidalgos, Santos).

ENIGMAS PITTORESCOS
104 a 109

Quem tem extremos é total
E, como elle, sendo tão vivo,
Quando vê moça no fim
Após central, não fica esquivo.

Helio (Recife)

Com quatro letras consoantes,
Sendo as centraes bem iguaes,
Acharás *"doação gratuita"*
Meu illustre doutor Paes.

Ave da Sorte (Bahia)

Sem primeira não vivemos,
Nesta ilha da central.
Derradeira todos temos,
Sendo remedio o total.

Arthano (S. Paulo)

E' bom fazer as do fim
P'ra descobrir a meada,
Que resulta. Feito assim,
Depois da lista formada
Deve fazer do total
Os extremos, de tal geito,
Ou faça prima e central
(Esta sem fim). Dai conceito?
Responda de fórma tal
Que prove *estar satisfeito*..

João da Roça (Nazareth)

Mata o centro deste engenho
Prima e segunda sem fim
Mais a final do chinfrim...
Tome nota no *canhenho*.

Sezenim II (Do B. dos Fidalgos — Santos).

Da primeira, que é segunda,
Dividida pelo todo
Um resto sempre redunda,
Como acontece com o engodo;
Mas, ao contrario, sommada
A' si mesma (em numeral)
Ficará sempre igualada
Ao todo do meu total.
Porém, o fim da primeira
Dividido p'lo total
E sommado á derradeira
Dará fracção decimal.
Se deixar a mathematica,
Qual o charadista que ha de
Achar, sem usar de tactica,
Do todo a minha *metade*.

Julião Riminot (Do B. dos Fidalgos — Santos).

CHARADAS ANTIGAS 110 a 117

Quem o seu vizinho *offende*—2
E' grosseiro, malcreado:
A *pena*, p'ra que se emende—1
E' o desprezo do *culpado*.

Etienne Dolet (B. dos Fidalgos — Santos).

No *corpo* da cathedral—3
Outra cousa mais não vi;—1
A não ser um bogari,
Que lá estava bem real.

Violeta (Recife)

Persevejo, animal cheiroso,—2
gosta bem do sangue humano,
e o *"homem"* que é preguiçoso—3
vae dormir bem socegado,
emquanto o bicho, geitoso,
enche a barriga com calma
de quem não é *buliçoso*.

Anhangá (L. C. P. — S. Paulo)

N'um puro-sangue *"montado"*,—2
Em plena *estação chuvosa*,—2
Encontrei todo ensopado
Um *"General"* da... briosa.

Pan (Da T. Œ. — S. Luiz, Maranhão)

Quem *empulha* seu amigo,—3
Meu caro Arthur de Oliveira,
Como *faz* você commigo,—1
Gosta bem de *"brincadeira"*

Altivo Trindade (Formiga)

(*Ao Amir*)

Feiticeiro quando quer
Pôr alguem de *mau olhado*,—3
Com uma *"bola"* o enfeitiça,—2
E lá se fica o coitado
Desgostoso, amargurado,
Qual *pessoa achacadiça*.

Neptuno (A. C. L. B. — Bahia)

Torce, torce e torce muito—3
E fica desageitada
Por *"causa"* do acanhamento—1
Ao ouvir certa *"estalada"*.

Dama Verde (Bahia)

Em meio do estudo feito—1
De Antonio *"Nobre"* Edgard—2
Vimos que foi infeliz
Só porque nasceu no mar.

Estudante

LOGOGRYPHOS 118 e 119

O confrade Marechal
Lançou com *cuidado* as vistas,—1—7—2—8—12
Para assim *desbaratar*—4—3—12—6—10—9
Os taes pseudos charadistas.

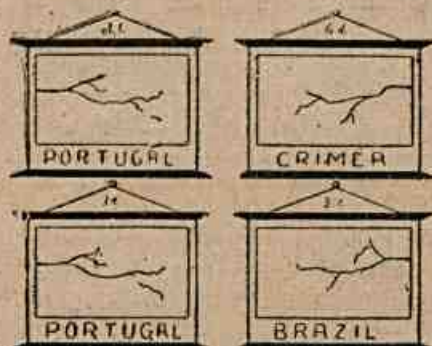
Não bem *procede*, afinal,—11—9—4—8—10
Figurando em muita lista,
Além de proceder mal—5—3—11—6—10
Póde ganhar na conquista.

Por outros bem disputada,
Que, por tal falta accusada,—1—12—6—10
Venham perder o direito.

D'ora vante o charadista
Enviará antes da Esta,
O que diz este conceito.
Roceirinha Nazarena (Nazareth)

Tendo o amigo *habilidade*,—10—2—1—11
Destróe este n'um instante;—5—9—3—8—6
Não lhe *custo*, na verdade,—2—7—8—4
Basta ser perseverante.

Ponha o lexico de *face*—5—2—7—8—11
E procure o termo a fio,
Que a solução *empregada*—1—4—10—9
Terá, pois, *de sangue frio*.
Jovaniro (A. C. L. B. — Nazareth)

ENIGMA PITTORESCO 120

Euclides Villar (Tigipió — Pernambuco).

PRAZOS

Terminarão: a 8, 13, 19, 21, 23 e 28 de Dezembro proximo. O primeiro prazo refere-se aos decifradores desta Capital e localidades proximas servidas por linhas ferreas ou via maritima; o segundo, aos dos outros pontos mais afastados de S. Paulo, Minas e Estado do Rio, e bem assim os do Paraná e Espirito Santo; o terceiro, aos da Bahia, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; o quarto, aos de Sergipe, Alagôas e Pernambuco; o quinto, aos da Parahyba até o Piauhy e bem assim os de Matto Grosso; o sexto, aos restantes e aos de Portugal, sendo que de Sergipe para o Norte, bem como para essa ultima nação européa, as listas de soluções que forem postas no correio no dia da terminação dos prazos marcados mais acima, serão aceitas, sendo a nossa verificação feita pela data do carimbo postal.

As justificações relativas aos pontos recusados e toda outra reclamação referente ao presente numero, deverão vir dentro dos dois terços dos respectivos prazos.

SOLUÇÕES

Do nº. 1.354:

Ns. 388 — Saca-nabo; 389 — Parabolano; 390 — Sarrafado; 391 — Entregador; 392 — *Nulla*; 393 — Repicaponto; 394 — Grodote; 395 — Sacomão; 396 — Furada; 397 — *Nulla*; — 398 — Paratoma; 399 — Ratina; 400 Alma; 401 — Anna; 402 — Monositua; 403 — Caballina; 404 — Custodia; 405 — Cursado; 406 — Mofado; 407 — Rechano; 408 — Ferretrado; 409 — *Nulla*; 410 — Caroatá; 411 — Zombaria; 412 — Aguçado; 413 — Omnipotente; 414 — Boleio; 415 — Depennado; 416 — Irado; 417 — *Nulla*; 418 — Luar; 419 — Pleroma; 420 — Aframa; 421 — Dae; 422 — Demagogo; 423 — Galio; 424 — Quebradeira; 425 — Usadamar; 426 — Totanga; 427 — Anediada; 428 — Reinação; 429 — *Nulla*; 430 — Solfa; 431 — Pegapinto; 432 — *Nulla*; 433 — Parelhamente; 434 — *Nulla*; 435 — Gelasina; 436 — Rodavinho; 437 — Risco por cima; 438 — Precioso paiz; 439 — O sol nasce para todos; 440 — A mais alta sabedoria consiste numa resolução firme, pensava Napoleão.

NOTA — *Invernadouro* para 392, *Saltadouro* para 397, *Sacada* para 417, *Animalinho* para 429, *Snadela* para 432, *Motete* para 434, e *Nadadura* para 409, foram annullados, os 6 primeiros por pertencerem a charadistas eliminados, e o ultimo, por ter sahido com incorrecção e não corrigido. Pedimos justificação, dentro do prazo estabelecido, de *Censurado* para 390, *estafado* ou *esgotado* para 415, *Cocai* para 421, *Cansado* para 405, *Avariado* para 412.

DECIFRADORES

Jubanidro (S. Paulo), Mr. Trinquesse (idem), 43 pontos cada; Hay Dée (Bahia), Floripes (idem), Mary Sette (idem), Tenente (idem), Dominó Vermelho (idem), Dominó Preto (idem), Principe de Moskova (Bahia), Principe de Ponte Corvo (idem), Principe de Eckmull (idem), Principe de Wagran (idem), Principe de Essling (idem), Principe de Otranto (idem), Principe de Beauharnais (idem), 38 cada; Evaristo (Lisbôa), Vasco Dias (idem), Etiel (idem), K. Nivete (Recife), Alvasco (idem), 37 cada; Gonzaga, J. Poligoni (Hexagono Pharmaceutico), Miltuna (idem), Ignotus (idem), Ulrica (idem), Dr. Gregorinho (idem), Arcebispo (idem), Carlos Costa (Bahia), 32; Violeta (Recife), 30; Dropê (Lisbôa), Jofralo (idem), Razalas (idem), Viriato Simões (idem), 20 cada; M. G. F. L. (S. Luiz, Maranhão), Pan (idem), Rhéa Sylvia (idem), 18 cada; Thalia (Rio Grande), 17; Dama Verde (Bahia), Ave da Sorte (idem), Aventureira (idem), Dr. Lael (Nucleo Enigmatico), Alfranga (idem), José Pedro da Fonseca (idem), Tieno (idem), 14 cada; Pedro K (Bom Jesus de Itabapoana), Olivares (Pomba), 13 cada; M. Lia (Recife), Josim Amil (idem), 11 cada; Soldado (Floriano), Soldadinho, (idem), Jac (idem), Juquinha (idem), Sertaneja (idem), 9 cada.

3º TORNEIO DESTE ANNO. — DESEMPATE

O premio maior da loteria, desta Capital, extrahida em 10 do mez corrente, terminou em 9, isto é, em numero impar. Coube, portanto, a *Aventureira* o premio dos dois terços.

Como já ficou dito em numero atrazado, *Jubanidro* foi vencedor em 1º logar e *Aureo Marques Vidal* ficou com o *premio da metade*.

TORNEIO EXTRAORDINARIO. — VOTAÇÃO

Agora que já estão publicadas todas as soluções no Torneio acima mencionado, os senhores concurrentes (decifradores e problemistas) acham-se habilitados para o julgamento do *melhor* e do *mais difficil* trabalho.

Assim, pois, dentro do prazo estabelecido, dignem-se remetter os respectivos votos; e que ninguem se exima de o fazer, a fim de que a escolha seja de maior alcance e na altura dográu de importancia, de que se revestiu o torneio.

Está comprehendido que só poderão votar ou receber premios os que tiverem, até o momento da contagem dos votos, enviado as respectivas fichas charadisticas e completas.

CORRESPONDENCIA

De 6 a 12 do corrente enviaram trabalhos os seguintes charadistas: Neptuno (Bahia), João da Roça (Nazareth), Roceirinha Nazarena (idem), Pan (S. Luiz), Altivo Trindade (Formiga).

Neptuno (Bahia) — A ficha não está, completamente, de accordo com o modelo regulamentar, porquanto o confrade não deixou logar para a apposição da photographia. Já dissemos que só dispensamos esta, quando o membro das associações citadas tem a sua (photographia) lá registrada. Se não tem, é necessario nol-a remetter com a maxima urgencia.

Frei Paulino (Carangola) — Está excellente; assim é que queremos que todos façam enigmas charadisticos, isto é, com arte e belleza. Em numero atrazado tratámos do seu enigma pittoresco. O diccionario de Almeida é só para justificações e não para composição de trabalhos.

Zizinha (Bahia) — Em que data e numero d'*O Malho* foi publicado o seu retrato? Se tivesse uma outra photographia melhor fôra. Aqui fica a ficha charadistica remettida á espera dessa providencia; só depois disso é que ella se tornará legal e receberá o numero de ordem.

Cotovia (Bahia) — Sua ficha está fóra das normas adoptadas, pois não tem o logar destinado á apposição do retrato. Mande outra, observando, exactamente, o que ficou assentado.

Rubião Junior (Rio Grande) — Com immensa satisfação recebemos a collaboração do illustre confrade e a resolução que tomou todo o Bloco Charadistico Gaúcho de vir tomar parte nos nossos torneios. Este facto só nos póde desvanecer e muito agradecemos esse gesto tão gentil. Sua ficha recebeu o nº. 52. Recebidos os trabalhos.

Saturno (Rio Grande), *Lyrio Branco* (idem). — As fichas charadisticas receberam, successivamente, os numeros 54 e 53. Sejam bemvindos.

Flutua Camenas (Conceição do Serro) — Não presta o que o confrade mandou, dizendo que era enigma pittoresco. Aquillo é uma *choldra;* em nada se parece com o que diz ser. Isto aqui não é igreja, nem somos padres ou juizes para fazer casamentos. Arre!...

K. D. T (Quatis) — O trabalho que remetteu a 30 de Outubro findo ainda aqui não chegou. Repare bem que os dizeres da ficha não estão de accordo com o modelo; ha falta da rua e do numero da casa. O retrato é indispensavel e seria melhor que o confrade nos mandasse um outro novamente, pois não sabemos mais do primeiro que, ha muito tempo, nos remetteu.

ERRATA

Do nº. 1.365:

Novissima, de Quiqui: — *negocio* — deve ser gryphado, como tambem o *Victor*, da do Barão de Damerales; este ultimo deve ser tambem commado. Na antiga, de Violeta, o — fôr — não deve ser gryphado, e sim — *pena* —, ambos no 2º verso. Na antiga, de Pan, o algarismo do fim do 2º verso é —1—. Soluções do nº. 1352: — 299— é *Culina*.

MARECHAL

O ANNIVERSARIO DO "JORNAL DO BRASIL"

O "Jornal do Brasil" vem de completar mais um anno. Na linguagem de jornal talvez melhor fôra dizer-se—venceu mais uma batalha, tão semelhantes são aos combates, para os guerreiros, os annos decorridos para os orgãos de imprensa, pelo menos entre nós. — Viver um anno para os nossos periodicos é talvez mais ainda — porque será vencer um numero sem conta de combates de varias naturezas ou especies. E' bem verdade que quando se conta, como o "Jornal do Brasil", com o concurso poderoso de uma tradição igual a sua, essa lucta se faz menos ardua, com mais certeza, menores sobresaltos e perigos. — Nem por isso deixará, comtudo, de ser penosa, pelos sacrificios que a profissão impõe, em geral, aos que a servem, mesmo aos mais felizes. Neste numero estão, sem duvida, os nossos confrades do velho orgão que tantos nomes illustres contou já a seu serviço, desde o maior delles — o nosso grande Ruy, pelas fundas raizes que firmou em nosso meio, nas camadas politicas, como nas populares. A sua solidez material não nos diz outra cousa, como outra cousa não nos reflecte o seu prestigio sobre varias correntes da nossa vida. Honra da nossa classe, o grande orgão que os espiritos de Annibal Freire e Barbosa Lima Sobrinho hoje dirigem com tanto lustre, bem merece portanto os cumprimentos que aqui lhe mandamos pela data festiva.

"A ESQUERDA" E O DESDOBRAMENTO DOS SEUS SERVIÇOS

Aos successos jornalisticos que o Rio conheceu até aqui, póde sem duvida já agora juntar-se mais um — o dos nossos confrades de "A Esquerda".

Prova irrecusavel do mesmo é a prosperidade admissivel que accusa ao entrar, no seu segundo anno de existencia, facto de que o desdobramento dos seus serviços em suas edições será bem um reflexo magnifico. E bem mereceram Pedro da Motta Lima, Hollanda Cunha e José Augusto de Lima — as tres columnas mestras do vibrante vespertino — esse triumpho, ou retribuição generosa do publico dos seus esforços para servil-o. Intelligencia, actividade, desassombro, conhecimentos da technica profissional e do meio em que teriam de exercital-os nada faltou, com effeito, aos collegas a quem se confiaram os destinos do novel periodico. E assim se fez elle com a vibração, o movimento e a coragem em cada uma das suas campanhas e attitudes que apesar do tempo já tem sido muitas e brilhantes. Orientando sem prejuizo da informação, "A Esquerda" é hoje dos mais bem feitos jornaes que possuimos, tão cuidadosa e interessantes se mostra nos seus commentarios, nas suas secções e no seu noticiario em geral.

Sta. Thereza de Jesus

Ao Menino Jesus, ao teu Amado,
Que contempla do Céo meu pensamento,
Pelo esplendor da Fé, aureolado,
Enternecido pelo soffrimento;

Ao teu Jesus, nas chammas abrazado
Do teu tão caridoso sentimento,
Roga que não me colha no peccado
Quando apagar-me a luz do entendi-
[mento!

Por tua intercessão, um beneficio,
Do teu Jesus, que o teu Amor levanta,
Do meu padecimento no exercicio,

Tão alto já provei, com dita tanta
Que te pago com a alma em sacrificio,
O' misericordiosa e grande Santa!

AUGUSTO DE MAGALHÃES

Agentes Geraes: Araujo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives, 88-90 — Rio de Janeiro

AGUA do REGIMEN dos ARTHRITICOS

Gottosos — Rheumaticos — Diabeticos

Ás refeições

VICHY CÉLESTINS

Elimina o ACIDO URICO

O BARRIL DE CAVIAR

(De CONAN DOYLE)

Quando a insurreição dos Boxers rebentou, ao norte da China, os poucos europeus disseminados pelas longinquas provincias, accorreram a reunir-se no mais proximo posto de defesa. Esperando que o soccorro chegasse, defendiam caramente a vida, mas levavam já tres dias sitiados, e, tanto as munições como os viveres não tardariam a terminar, deixando-os sem recursos.

Felizmente, a noticia de que uma esquadra européa cruzava pelo golfo Liang-Toung, do qual o porto de Ichau distava sómente umas cincoenta milhas, animou a pequena guarnição, dando-lhes a convicção de que a libertação chegaria dentro do prazo de resistencia que lhes restava. E, até a terça-feira, á noite, ninguem se atreveu a pronunciar uma palavra de desalento.

Na quarta, a fé dos sitiados enfraqueceu um tanto. O horizonte permanecia deserto, emquanto que as linhas dos aggressores approximavam-se de tal maneira, que já se distinguiam as horriveis faces e ouviam-se imprecações e insultos.

Ao anoitecer, os sitiados — o coronel Dresler, antigo soldado da infantaria allemã, o professor Mercer, velho entomologista, o joven diplomata inglez Ainslie, e Ralston, o engenheiro que passou a noite a escrever cartas de despedida, — começaram a sentir uma angustia silenciosa e oppressora.

No emtanto, as senhoras — Miss. Sinclair, a enfermeira; Mrs. Patterson e sua filha, a encantadora Jessie — conservavam toda a serenidade.

O padre João, missionario francez, acostumado a considerar o martyrio como uma glora, sentia-se até mais incommodado com a presença de Mr. Patterson pastor da igreja presbyteriana, do que com a horrorosa perspectiva de cahir nas mãos dos boxers.

Mas, na quinta-feira, Ainslie, da torre do relogio, percebeu o ruido do canhão, prova certa de que o soccorro estava a caminho e não tardaria a chegar. Já era tempo: os cartuchos escasseavam e as rações de viveres reduziam-se cada vez mais; mas nada importava já, posto que a libertação era cousa segura. A' hora do almoço, todos se reuniram em torno á mesa, com essa alegria loquaz e transbordante que estala, mais viva ainda, á sombra da morte.

— Vamos, professor Mercer! — gritou um, — tire o barril de caviar.

— Postauzend! — murmurou o coronel, — já é hora de provarmos esse famoso caviar.

As senhoras concordaram, e todos reclamaram com grande interesse o barril.

A exigencia de semelhante luxo gastronomico tinha a sua explicação. Na vespera do levante, o entomologista recebera um barril de caviar. Ao dividir os viveres, todos concordaram em guardar o barril e tres garrafas de "Lacrima Christo" para festejar o dia da victoria.

— Esperaremos ainda — disse o professor, movendo suavemente a cabeça grisalha. — Os nossos salvadores têm muito que fazer até chegar aqui.

O protesto foi geral.

— Não devem estar senão a dez milhas de distancia; de modo que, ao mais tardar, estarão aqui ás sete da tarde — declarou peremptoriamente Ralston.

— Mas precisarão duas horas para ganhar a batalha — accrescentou o coronel.

— Nem meia hora!—exclamou Ainslie. — O que podem esse selvagens, com os seus mosquetes e sabres contra as nossas armas tão modernas?

— Tudo dependerá de quem commandar a expedição — disse Dresler. — Se, por sorte, tiverem á frente um official allemão...

— Faço votos para que seja um inglez! — gritou Ralston.

— O official francez tem fama de ser bom tactico — insinuou o padre João.

— E, mesmo — interveiu Mr. Patterson, com o seu forte accento escocez, lento e preciso — seria uma prova de cortezia para com os officiaes libertadores reservar-lhes uma refeição decente. Estou, pois, com o professor; guardemos o caviar para a ceia.

O argumento despertou em todos o sentimento da hospitalidade, e não se falou mais do barril de caviar.

Mr. Patterson proseguiu:

— Pênso, professor, que o senhor já se achou em outra situação semelhante a esta. Seria interessante se nos referisse os incidentes desse sitio.

O rosto do professor se alterou.

— Teve logar — disse em 1812, em Sung-Tung, ao sul da China.

— Como lhes chegou o auxilio?

— Não chegou.

— E a praça cahiu nas mãos dos sitiantes?

— Sim.

— Então, como se salvou o senhor?

— Além de entomologista, sou medico. O inimigo preferiu utilisar-me para cuidar os seus proprios feridos.

— E os outros

— Basta, basta! — gritou horrorisado o missionario francez, que estava ha vinte annos na China.

O professor emmudecera, mas a expressão que se reconcentrava no fundo do seu olhar triste era tal, que as senhoras empallideceram.

— Sim — murmurou lentamente — é melhor não falar nessas cousas.

Após uma pausa, a voz grave do canhão parecia resoar mais proxima, acompanhando o alegre estalido do tiroteio.

Todos se precipitaram para os muros. O professor permaneceu sentado sobre as mãos, perdido na lembrança mais terrivel e suprema de sua vida.

O coronel Dresler entrou; o seu largo rosto germanico demonstrava satisfação.

— Isto vae bem — declarou.

— De modo que o senhor acha que estamos salvos? — interrogou pacificamente o professor, entre a anciedade de todos.

O coronel sorriu.

— Quão pouco agitado o vejo! —

— Em minha vida tenho visto tantas e tão estranhas mudanças de sorte, que tenho por norma não me entristecer nem me alegrar sem ter absoluta certeza. Que noticias traz o senhor?

— Juro-lhe, por minha honra de soldado — disse o coronel — que tudo vae bem. Os nossos avançam, sem duvida; o fogo cessou. Dentro de uma hora, Ainslie, do alto da torre, avisar-nos-á, com tres disparos, da apparição dos nossos, no cume das collinas. Emquanto espero o signal, vim lhe pedir um favor.

— Diga.

— O senhor nos falou, antes, do sitio de Sung-Tung; a questão me interessa sob um ponto de vista profissional. Agora que ninguem nos estorva, o senhor acharia algum inconveniente em falarmos nisso?

— O thema não é agradavel.

— Devéras. Mein Gott! Foi um drama terrivel. Mas, o senhor viu todo o meu systema de defesa; acha que tenha sido prudente, habil, digno, emfim, das tradições do exercito allemão?

— Creio que o senhor fez tudo o que se podia fazer.

— Obrigado; e, acha que Sung-Tung foi tão bem defendida? A comparação me interessa. Acha que poderia ter sido salva?

— Não. Fez-se tudo o que era humanamente possivel, excepto uma cousa...

— Ah! Qual foi?

— Não deveria ter cahido ninguem vivo nas mãos dos chinezes.

O coronel apertou com a sua dextra enorme e vermelha a mão pequena e nervosa do professor.

— O senhor tem razão — exclamou. Eu tambem pensei nisso, e falei com Ralston e Ainslie. Está combinado: nós saberiamos morrer combatendo. Mas, e os outros: o pastor, o missionario, as mulheres?

— Deixar-se-iam agarrar vivos?

A sua religião lhes prohibe attentar contra a vida. O perigo desappareceu; mas, si tão horrivel situação se tivesse apresentado, que teria feito o senhor em meu logar?

— Matal-os todos.

— Mein Gott! Assassinar essa gente!

— Eu os mataria por misericordia. Vi o supplicio da agua fervendo, o da luz branca; vi as mulheres... Meu Deus! Como poude eu depois conciliar o somno?

As terriveis lembranças alteraram o seu rosto, habitualmente impassivel.

— Ataram-me a um poste de madeira, com espinhos dentro das palpebras, para obrigar-me a ter os olhos abertos, e tal supplicio me fazia soffrer menos do que o remorso que eu sentia ao pensar que teria podido, com uma droga qualquer, salvar aquellas victimas.

O coronel apertou novamente a mão do sabio.

— O senhor é um homem energico e valente — disse; — e, se os acontecimentos tivessem tomado um giro diverso, o senhor teria sido o meu melhor alliado. Mas, parece-me que o signal de Ainslie se atraza: vou ver o que ha.

O ancião ficou mais uma vez sózinho com as suas recordações. De subito, a porta se abriu e o coronel Dresler entrou, livido e vacillante.

— Que ha? — perguntou o professor; não chegam?

— Não, nem chegarão!

Houve um silencio; os dois homens se olharam.

— Os outros sabem?

— Ninguem sabe, senão eu.

— Como o soube o senhor?

— Eu estava junto á porta que dá para o rosal; um homem abriu-a e entrou, arrastando-se; era um tartaro christão, mortalmente ferido; vinha da batalha, enviado a nós, pelo commandante Wyndham. A columna salvadora, carecendo de munições, foi derrotada e retrocede para os navios, afim de ser reforçada; tardar, pelo menos, tres dias a chegar. Isto é tudo.

— Onde está esse homem

— Junto á porteira; já morreu.

— Ninguem o viu

— Quasi ninguem.

— Quem o viu.

— Penso que Ainslie o avistou da torre, e virá em busca de noticias.

— Quanto tempo poderemos resistir ainda?

— Duas horas, no maximo.

— Então, estamos perdidos

— Sim.

A porta tornou a se abrir. Ainslie precipitou-se e após elle entraram Ralston, Patterson e um punhado de europeus e de christãos indigenas.

— O senhor tem noticias, coronel?

— O coronel acaba de participar-me que tudo vae bem — declarou o professor. A columna salvadora parou; mas chegará amanhã, ao mais tardar; o perigo passou por completo.

Houve apertos de mão e abraços cheios de effusão.

Ao sahirem todos d'ali, o coronel virou-se e fixou os olhos no professor, que lhe respondeu com um sorriso triste. Os dois homens tinham-se comprehendido.

* * *

O jantar foi alegre e animador; desarrolharam as garrafas de "Lacrima Christi" e abriram o famoso barril de caviar. Todos se serviram copiosamente e o saborearam com delicia, excepto Miss Patterson, que aborrecia o gosto do caviar.

— O meu pequeno festim não teve a honra de lhe agradar — disse o professor, vendo que Jessie deixava o prato intacto.

— Nunca me agradou o caviar.

— Mas, alguma vez deve-se começar a educação do paladar: eu lhe peço!

Um sorriso pueril illuminou o rosto encantador da menina.

— Mas como é gentil, professor Mercer! — exclamou. Embora não o prove, agradeço-lhe do mesmo modo a attenção.

— E' uma tolice não comer o caviar — exclamou o sabio, com instinctiva violencia; depois, dominando-se, explicou: — porque é pena esperdiçal-o.

Mr. Patterson se interpoz:

— Vamos, vamos, não a incommode mais professor; não se esperdiçará nada.

E, tomando com a ponta da faca o caviar do prato da filha, pôl-o no seu.

— Prompto, socegue.

Mas o professor não parecia socegado; o seu rosto continuava sombrio, e não se misturava ás conversações e aos projectos dos outros.

— Eu — dizia Mr. Patterson — irei passar uns tres mezes em Edimburgo. Voltaremos no outomno, quando Mary e Jessie tiverem os nervos mais tranquillos.

— O descanso nos faz falta a todos— disse Miss Sinclair, a enfermeira.

— Que exquisito! — exclamou Ainslie; o mesmo se passa commigo; deve ser, com effeito, um phenomeno nervoso. Pois eu irei uma temporadinha a Pekim, jogar uns bons partidos de polo; e o senhor, Ralston?

— Oh! não pensei em nada ainda, só desejo esquecer tudo isto, gosar o sol e a vida.

— Sim — disse o coronel Dresler — eu, em seu logar, as guardaria.

A sua voz soou tão grave e solemne que todos o olharam.

— O que tem, coronel? Está triste.

— Não... não... estou muito contente.

— No emtanto, o senhor obteve um verdadeiro triumpho. Tudo isso nós o devemos ao seu incomparavel genio — disse Ainslie. — Senhores e senhoras: brindemos á saude do coronel Dresler, gloria do exercito imperial allemão. "Er soll leben... hoch"!

Todos os copos se ergueram.

Os olhos do velho militar se humedeceram.

— Fiz quanto poude — disse. E accrescentou com angustia: — Se as cousas tivessem tomado um máo giro, espero que os senhores me descarregariam de toda a responsabilidade, de toda a censura...

— Coronel Dresler — declarou o pastor escocez — creio ser o interprete de todos, ao affirmar-lhe... Mas, o que tem Ralston?

Com a cabeça cahida sobre os braços, Ralston dormia calmamente.

— Não é nada — exclamou vivamente o professor; é a reacção, a fraqueza. Isso póde succeder com qualquer um de nós.

— Eu tambem não tardarei a fazer outro tanto — declarou Mrs. Patterson. — Em minha vida, nunca tive tanto somno.

E accommodando-se na cadeira, fechou os olhos. O marido póz-se a rir.

— Que vergonha vae ter a minha pobre Mary quando acordar! Eu a desculpo, porque tambem estou com somno.

Ainslie ergueu novamente o seu copo:

— Todos devemos cantar: "Auld Lang Syne"! — gritou. E agora, bebamos á saude das senhoras, anjos de compaixão e misericordia que nos deram o exemplo da paciencia, do valor, da serenidade, de... de... Mas, São Jorge me valha! Tambem o coronel adormeceu! Ninguem aguenta esta temperatura infernal!

Não poude terminar; cahiu pesadamente ao chão e o copo escapou-se-lhe das mãos. Miss Sinclair, a pallida enfermeira succumbira tambem, e dormia como um lyrio cortado.

Mr. Patterson levantou-se; olhou ao seu redor, e, passando a mão pelo rosto abrazado, exclamou:

— Jessie! isto não é natural. Por que dormem todos? Jessie, tua mãe está fria. E' o somno? é a morte? Soccorro! Soccorro!

Quiz precipitar-se para a janella,mas, presa de uma vertigem, cahiu ao chão. A moça deu um salto, e, olhando com horror o circulo silencioso que a rodeava:

— Professor Mercer! — gritou — O que se passa aqui?

Um supremo esforço de vontade fez o velho levantar-se.

— Minha filha — disse — queriamos poupal-a á tortura; queriamos que não soffresse nem em sua carne nem em seu espirito; no caviar puz cyanureto.

Um sobresalto a impelliu para traz, com as pupillas dilatadas.

— Jesus!

— Monstro! — gritou — tu os envenenaste!

— Eu os salvei. A senhora não conhece os chinezes.

Um tiroteio estalou mesmo sob as janellas do aposento.

— Já estão ahi! Depressa! Ainda póde se salvar!

Mas Jessie cahira sem sentidos.

O velho escutava, estupefacto; ouvia phrases européas, ordens em inglez...

Sim; por um milagre, o soccorro chegava. O ancião levantou os braços, no paroxismo do horror e do desespero.

— Que fiz eu, senhor? Que fiz eu?

Quando, depois de um ataque nocturno, desesperado e victorioso, o commandante Wyndham entrou na sala de jantar, viu um grupo de sêres humanos cahidos e inanimes: o unico signal de vida eram os gemidos de uma moça que se agitava debilmente. Mas, emquanto o commandante, parado no humbral, contemplava estupefacto o funebre espectaculo, viu erguer-se lentamente uma cabeça grisalha, com uns olhos desorbitados:

— O caviar! — gritou o professor Mercer. — Não toquem no caviar!

E, rodando sobre si mesmo, fechou o circulo da morte.

Traducção de

ANELEH

A Moda em Paris

PEQUENAS NOTICIAS DA MODA

ULTIMAS NOVIDADES

N. 1 — Vestido de crêpe de Chine de fantasia branco e preto, a saia é formada por dois babados terminados por bicos e plissados. Camiseta de lingerie guarnecida com pontos abertos. A faixa e as fitas que amarram os punhos são de taffetas preto. N. 2 — Vestido de toile de seda beige claro bordado com azul marinho, fita azul marinho na cintura. N. 3 — Guarnição feita com pellica vermelha bordada com um fio de ouro para enfeitar um feltro beige e uma echarpe de kasha beige com barra do mesmo tecido marron. Essa mesma guarnição em pellica azul bordada com fio de prata ou seda azul enfeita golla, punhos e cinto de um vestido de toile de seda branca. N. 4 — Flor de pellica dourada com folhas pretas é uma guarnição original para um chapéo de palha e para um tailleur. N. 5 — Essa flor é recortada na pelle de cobre e em volta das petalas dá-se um traço de tinta preta com o pincel.

Os tecidos que estão sendo mais empregados ultimamente pelas grandes casas de costura de Paris, são: o crêpe-setim, o crêpe marocain e a charmeuse. Sim, a charmeuse que durante tanto tempo esteve banida depois de ter conhecido um successo tão grande.

Os vestidos são simples, sobriamente drapés com a cintura indicada por algum detalhe; uma incrustação de cinto, uma linha de nervuras atravessadas. Estão em moda os laços, as faixas, innumeros são os vestidos que são amarrados na golla, na cintura e quantas vezes esse mesmc laço encontra sua replica no

chapéo. O preto é o colorido da moda, mas não nos deixemos levar, nos dias quentes de verão, por essas mesmas facceiras que estão agora de preto na época de transição de estação. Vistam as toilettes mais claras, mais vistosas, mais alegres. Deixemos o preto para as que não podem usar outras cores. O verão com os seus dias bonitos pedem os frescos vestidos vestidos brancos, os lindos coloridos que fazem parecer as nossas ruas com lindos jardins floridos. Deixemos o preto para os dias sombrios e chuvosos do outomno da Europa.

As saias são bastante movimentadas, ricas de godets e de pregas, de franzidos e de panneaux; as cadeiras são ajustadas com o tecido posto enviezado. Os corpos direitos, apenas blusando um pouco nas costas.

A renda continúa favorita, nada a substitue nos vestidos da noite como distincção. Haverá coisa mais encantadora que que uma renda fina cobrindo braços e hombros nús? As rendas com desenhos delicados são as mais empregadas para os vestidos da noite.

Os corpos de velludo, de taffetas e os de setim, que acompanham as saias de renda folheadas de babados, formam um conjunto quasi quasi classico. A's vezes a renda é substituida pela mousseline.

Mas não são usadas a renda e a mousseline sómente nos vestidos da noite.

N. 1 — Toilette de noiva de crêpe-setimsetim branco, guarnecida com fita de lamé de prata, o forro da cauda tambem é de lamé.

N. 2 — Vestido de crêpe Georgette phira debruada com lamé de prata, amarello muito claro, com fitas de taffettas côr de laranja ou tango.

N. 3 — De crêpe—setim azul sar este vestido tem a originalidade de ter a faixa amarrada bem na frente, o forro é de lamé de prata.

N. 4 — Vestido de setim rosa muito pallido, os panneaux dos lados dão a roda.

N. 5 — Toilette de crêpe romain mauve, guarnecido com o proprio tecido.

N. 6 — Vestido de crêpe-setim preto, guarnecido com drapês irregulares.

guarnecem com muitos vestidos da tarde como até os da manhã.

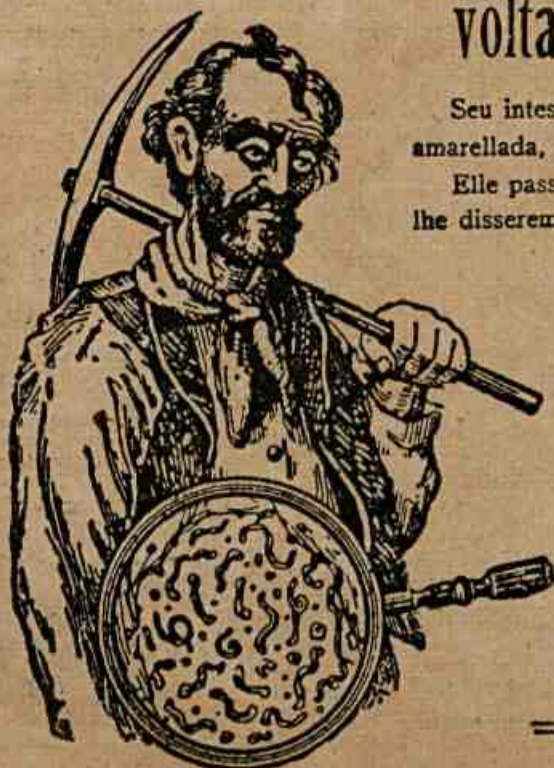
Os effeitos tricolores continuam muito em moda. O azul, vermelho e branco da bandeira franceza tem sido muito empregados, mas ha muitas combinações de cores que são interessantes, taes como: verde, vermelho e preto, azul vivo, alaranjado e amarello claro. Tambem escolhendo-se uma mesma cor em tres tons diversos póde-se fazer lindas guarnições para vestidos de tom neutro e liso.

O collar de crystal continúa a substituir o de perolas, o mais moderno é o formado por caracteres chinezes recortados no crystal.

M. K.

Si cada socio enviasse á Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vai prestando aos que vivem no Brasil.

...todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...

RUA DA CARIOCA, 45 — 2º Andar

Seu intestino elle não vê, está cheio de vermes e, por isso, tem a pelle amarellada, sente canceira, palpitações, queimações na bocca e estomago.

Elle passará seu mal á sua familia, aos seus vizinhos e morrerá se não lhe disserem que soffre de

MOLESTIA CURAVEL
PROMPTAMENTE COM

ANKILOSTOMINA

FONTOURA

Remedio de uso facil. — Effeito seguro — Medalha de ouro na Exposição de Hygiene do Congresso Medico — Recommendado pelo Serviço Sanitario.

Encontra-se nas pharmacias e drogárias.

O quadro do Esporte Club Savoia, de Votorautim, São Paulo, que derrotou o Operario F. Club por 8 a 2.

O quadro do Operario F. Club, de Ponta Grossa, Paraná, que foi derrotado pelo score de 8 a 2, em disputa da taça "Camara Municipal de Ponta Grossa".

Capella de N. Senhora Apparecida, de Espirito Santo do Pinhal — Estado de São Paulo.

Professora Josephina Costa — Bananal — São Paulo.

Estatua de Rio Branco — Curytiba — Paraná.

(Photo J. B. Graff)

Grupo tirado por occasião da inauguração da estrada de automoveis—Via Saude, Prata, Lagôa, Antonio Dias. Aspecto em São José da Lagôa, florescente Villa e futuro entroncamento das ferrovias: Central do Brasil, Leopoldina e Victoria a Minas, estando presentes, entre outras pessoas de destaque, os Drs. Pinheiro Chagas, Bias Fortes e Daniel Serapião de Carvalho. — Linha de Tiro 303, de Bananal — São Paulo.

Officinas Graphicas d'O MALHO